



HORAS VAGAS.

HORAS VAGAS

POESIAS E PROSA

POR

J. R. D'OLIVEIRA SANTOS,

Fundador e socio benemerito do Gabinete Portuguez de Leitura,
do Maranhão,
e membro effectivo do Instituto Litterario Maranhense.

Publicação feita pelo autor
em beneficio do Hospital Portuguez
de S. João de Deus, desta cidade,
e do Hospital da villa d'Ovar,
em Portugal.

MARANHÃO—1868.
Typ. do Frias, rua da Palma, 7.

Á MEMORIA DE MEU PRESADO PAE.

A recente noticia ¹ de haver fallecido em Portugal , a 26 de julho proximo passado , meu bom e presado Pae , acaba de lançar-me na mais profunda consternação . . .

Por mais pobres e mesquinhos que sejam estes fructos da minha acanhada intelligencia , seria para mim a suprêmea felicidade que meu Pae os pudésse vêr . e apreciar o entranhado affecto e desvelado amôr filial com que é elle — por tantas vezes — ali lembrado ; pois sei que — bom ou máo — este livrinho lhe seria sempre um motivo de muito desvanecimento e de muita gloria paterna.

Infelizmente não nos foi permittida — nem a elle , nem a mim — tamanha ventura ; e — já que assim aconteceu — só me resta agora dedicar á sua memoria este mingoado trabalho , como testemunho de muito respeito e de muita veneração.

Maranhão , 10 de setembro de 1868.

J. R. D'OLIVEIRA SANTOS.

¹ Recebida no dia 16 d'agosto ultimo.

INTRODUÇÃO.

Com o titulo de —Horas Vagas— vou apresentar ao publico este pequeno livro —fructo dos meus ócios da vida commercial.

As composições , que ahi vão —escriptas em differentes épochas e logares— são , pela maior parte , paginas intimas da minha vida , talvez sem merito algum litterario ; mas , seguramente , de muito valôr para mim , por me recordarem scenas das mais alegres , ou das mais tristes porque tenho passado.

À excepção das mui poucas , que já saíram a publico em diversos jornacs , todas as referidas composições têm permanecido até agora no fundo de uma gaveta , d'onde —provavelmente— nunca sairiam , se não fosse o desejo , que tenho , de ser util a duas instituições de caridade , que —apezar dos seus mingoados recursos— tão nobremente vão cumprindo a sua santa missão :— Refiro-me ao Hospital Portuguez , d'esta cidade , e ao da villa d'Ovar , (em Portugal) de cuja comarca sou natural.

Esse desejo —suggerindo-me a ideia de dar á estampa estes apoucados trabalhos , em beneficio d'aquelles dois estabelecimentos pios— tambem , d'est'arte , me fez vér o unico lado util da presente publicação.

Addindo a este motivo , já bastante forte , o pedido que —no mesmo sentido— se dignou de me fazer o Snr. doutor José Correia Loureiro , digno consul de Portugal n'esta provincia , e um dos mais fortes sustentáculos do Hospital Portuguez , de que é funda-

dôr, não hesitei mais um só momento em satisfazer a um tempo aquelle meu desejo e este —para mim— tão honroso pedido ; —convencido de que o pouco ou nenhum mérito litterario da obra, seria pelo indulgente publico desculpado, em attenção aos valiosos motivos, que a faziam apparecér a lume.

A melhor prova, que posso apresentar de que me não enganei, pensando assim, é o magnifico resultado já obtido ; pois dos . . . 2:000 exemplares, que mandei tirar, para o preço de 2:000 reis ; a maior parte já se acham subscriptos, não obstante achar-se a obra ainda no prélo ; e nutro as mais bem fundadas esperanças de que os restantes tenham promptamente a mesma sorte.

Montando pois a despesa —de impressão e papel— apenas em cerca de 800\$000 reis, já posso contar como certo o puder offercér brevemente uma avultada esmóla a cada um d'aquelles hospitaes ; —resultado este que— com desvantcimento o digo —me enche o coração de prazer, e me faz bem dizer os momentos que empreguei em communicar ao papel estes mingoados fructos do meu apoucado engénho.

Não terminarei sem tributar muitos agradecimentos ao Snr. José Maria Correia de Frias, pela nitidez de trabalho e modicidade de preço d'esta impressão ; e ainda mais por se me haver offerecido o mesmo snr. para a fazer gratuitamente, logo que soube qual a applicação que eu pretendia dar ao seu producto.

Pôsto que eu recusasse aceitar tão generoso offerecimento, nem por isso é elle menos honroso ao snr. Frias ; tanto mais sabendo-se que não partiu essa offerta de um homem opulento e nem ao menos abastado ; mas de um intelligente artista que —do seu no-

abilissimo e honradissimo trabalho— fira apenas os indispensaveis recursos para vivêrem — elle e a sua familia— com a necessaria decencia.

Mil louvores , pois , ao snr. Frias , pelo interesse e dedicação de verdadeiro portuguez , que mostra pelas coisas do seu paiz ; e os mais cordiaes agradecimentos a todas as pessoas que —de tão boa vontade— se prestaram a auxiliar uma obra de caridade —subscrevendo esta pobre e mesquinha publicação , a qual só assim se puderia tornar de verdadeira utilidade.

Maranhão , 10 de setembro de 1868.

O AUTOR.

INDICE.

Saudades.....	9
À morte de Gonçalves Dias.....	12
Segredo.....	15
A Arthur Napoleão.....	18
Ao mesmo.....	21
Prevenção.....	23
Foi brinquedo.....	24
A morte das flores.....	27
A escrava.....	30
Fonte de amor.....	34
Prisão de Joseph.....	35
O Gaúcho.....	42
Amor de uma escrava.....	45
Fiem-se n'ellas !.....	49
No campo.....	53
O Vesuvio.....	55
Pelo buraco da fechadura.....	56
Adeus a Sevilha.....	60
Desafio aldeão.....	62
Rosita.....	70
Saudades no mar.....	73
De Lisboa à minha aldeia.....	77
A minha aldeia.....	113
Rosita do Pinhal.....	123

SAUDADES.

Tenho saudades , que me pungem n'alma ;
Tenho saudades , quacs eu nunca tive !
Na patria querida quanto mais eu penso ,
Mais a saudade de a não vêr revive !

Formoso céu , e naturéza esplendida ,
Como na patria , tenho aqui , bem sei ;
Mas estes âres não são meus , não podem
Supprir aquelles que na infancia amei !

Que amei , e que amo , como o pobre nauta
O porto amigo que divisa além ,
Ou como o filho desvelado e terno
Santas caricias de extremosa mãe !

Tenho saudades como ninguém pensa ;
 Fundas saudades do meu patrio lar !
 Dezoito annos de viver no exilio
 Não m'as puderam nem sequer murchar !

Tenho saudades ao cair da tarde
 Sentindo a brisã deslisar sonóra ;
 Tenho saudades ao luar esplendido ;
 Tenho saudades ao romper d'aurora !

O mar na praia, gemebundo e triste
 Ao longe a flauta, descantando amôr .
 São doces vozes que me avivam n'alma
 Dos verdes annos a já murcha flôr :

— Saudosas notas , que lembrar me fazem
 Meu lar paterno . . . minha patria querida ;
 — Sons que me fallam da primeira idade ,
 Risónho marco no passar da vida ! . . .

Dezoito annos de viver no exilio !
 Dezoito annos , a findar em breve !
 A ver cair-me desfolhadas , murchas ,
 Todas as rosas , que a existencia teve ! . . .

Ai ! que saudades ! que desejo immerso
Eu sinto n'alma de revér meus lares !
Ai ! se eu tivesse da andorinha as azas ,
Com que prestéza transporia os mares !

Maranhão—1864.

À MORTE DE GONÇALVES DIAS.

Vendo a noite da vida aproximar-se ,
Na pátria procurou vir asy-lar-se . . .

Entre os seus expirar ;
Mas antes de chegar lhe anoitecêra ,
E na terra , que tanto engrandecêra
Não pôde repousar.

Entre as vagas —á vida quasi exhausta—
Ja marcado lhe havia a sorte infausta
O jazigo final :
Em vão fugir tentou ao seu destino ,
Que além —gemendo— o mar lhe entôa o hymno
Do triste funeral.

Do vérdé palmeiral á grata sombra
 Mais quizera o cantór ter por alfombra

A terra em que nasceu :
 Á tarde ouvir das aves o gorgείο ,
 E á noite recolher no frío seio
 Os orvalhos do céu ;

Mas não quiz o destino caprichoso
 Que o cantór das palmeiras mavioso
 Dormisse á sombra d'ellas !
 Quiz dar-lhe mais extensa sepultura ,
 Onde , em vez de mil cantos de ternura ,
 Ouça a voz das procellas !

Melhor foi ! . . . que não deve o frágil barro .
 Que em si conteve um genio tão bizarro ,
 Ser dos vermes roido !
 Envólucro de espirito divino ,
 Só lhe deve alternar da gloria o hymno
 O oceânico gemido !

Envólucro d'un'alma grande e nobre .
 Alguns palmos de terra éra mui pobre
 Jazigo a genio tal !
 Do atlantico a vasta sepultura
 É mais propria , de certo , e mais n'altura
 Do cantór immortal !

Dorme , pois , do Brasil cantôr mui terrio ,
Entre as vagas azues , que o somno eterno

Perturbar-te não vou :

Quiz um hymno elevar-te bem sentido ;

Mas só pude soltar este gemido ,

Com que a lyra estalou . .

Maranhão—1864.

SEGREDO.

Eu gosto do typo d'ella ,
Porque a bondade revêla
Na doçura da expressão ;
Porque em seus olhos eu leio
Que d'aquelle anjo no seio
Pulsa um leal coração.

Gosto d'ella , porque é linda ;
Porém muito mais ainda
Fêlo seu ar meigo e triste :
Porque o peito me adivinha
Que a suprema dita minha
Na posse d'ella consiste

Póde a paixão desvairar-me ;
 Póde aos abysmos lançar-me
 De uma sorte bem tyranna ;
 Mas o seu rôsto expressivo ,
 Ar tão meigo e pensativo ,
 Enganar-me ? !.. oh ! não engana !

Não póde um corpo tão bello ,
 Modô tão franco e singelo
 Encobrir negra traição !
 Anjo d'amôr na apparencia ,
 Dos anjos tem a innocencia ;
 Diz-m'ó a voz do coração.

Eisaqui porque eu a adóro ,
 E porque ás vezes deploro
 Não lhe fallar d'este amôr :
 Que amôr tão casto e sincero ! . . .
 Qu'impôta ? com elle não quero
 Profanar a linda flôr !

Amôr em um peito humano
 Aspira a um çoso mundano
 Que aos anjos não fica bem :
 Não saiba , pois a donzella
 Que eu morro de amôr por ella . . .
 Oh ! não o saiba ninguem !

Não hade o mundo corrupto
Escarneçer—dissoluto—
D'este affecto tão sagrado ,
Nem lançar a vista impura
Sobre as azas de candura
Do meu anjo idolatrado.

A ARTHUR NAPOLEÃO.

Recitada no theatro de S.^o Luiz pelo artista
dramatico Antonio José Duarte Coimbra no
primeiro concerto dado alli pelo distincto
pianista.

Éra apenas tenro infante
Quando a um povo delirante
O seu genio deslumbrante
Mil applausos arrancou !
É que o anjo da harmonia ,
Baixando á terra no dia
Em que o menino nasceu,
Sobre a fronte lhe pousou !

O Porto não se enganára ,
Quando assim prophetisára
Na creança , que embalára
Distincto padrão de gloria !

Que , artista por vocação ,
 Hoje Arthur Napoleão
 Brilha com vivo clarão
 Dos grandes genios na historia !

O Porto não se enganára
 Quando no infante julgára
 Vêr um genio , que acclamára ,
 Ufano d'elle e de si !
 Que as provas de um tal apreço ,
 Ao pianista desde o berço .
 Deu-as depois o universo ,
 Damol-as nós hoje aqui !

Nas artes , bem como em tudo ,
 Embóra aproveite o estudo ,
 Sempre são mesquinho e rudo
 Quem nasceu sem vocação :
 Feliz , pois , o hem fadado ,
 Que no berço bafejado
 Foi de um genio sublimado
 Como Arthur Napoleão !

Salve . genio deslumbrante
 Que 'inda apenas tenro infante .
 D'entre um povo delirante
 Mil applausos arrancáste !

Salve , estrella resplendente ,
Astro brilhante e luzente
Que em tua marcha ascendente
Aqui alfim despontaste !

Salve , nobre , eximio artista !
Salve , divino pianista !
Teu genio as almas conquista . . .
Tens um ceeste condão !
Ênte por Deus inspirado ,
Aceita um sincero brado
Do meu peito extasiado :
Salve , Arthur Napoleão !

Maranhão—1864.

AO MESMO.

Recitada n'um baile que lhe foi dado pelos portuguezes residentes no Maranhão.

De Arthur Napoleão eu bem quizera
O genio descrevêr - cantar-lhe o nome ;
Mas é pobre o meu éstro , e não tolera
Que tão alta missão sobre mim tome.

Que genio ! Que portento ! . . . Um tal prodigio
Só caber a um alto engénho decantal-o :
Eu ao vél-o da gloria no fastigio ,
De longe apenas posso admirar-o.

Que notas tão aménas , tão suaves ,
Elle arranca do harmónico instrumento ,

Quer imite o cantar das mansas aves ,
 Quer do mar melancolico lamento ! ? . .

Do mancebo gentil na vasta fronte
 Gravado existe o genio da harmonia !
 E o porvir a sorrir-lhe no horisonte ,
 Entre palmas e louros se extasia !

Assim bem alto a fama o proclamára
 De nação a nação , de povo a povo !
 Ninguém jamais de ouvil-o se enfadára ,
 Que ouvil-o é cada vez um prazer novo !

Arthur Napoleão é como um astro,
 Que rapido percorre a immensidade ;
 E deixa após de si brilhante rastro
 Fulgurando por toda a eternidade !

Embalde , embalde pois , eu emprehendéra
 Seu genio descrever cantar-lhe o nome ;
 Meu éstro assás mesquinho não tolera
 Que tão alta missão sobre mim tome !

Mas ao menos não heide ficar mudo
 Aos impulsos leaes do coração :
 E , pois , divino artista , eu te saudo !
 Salve grande Arthur Napoleão !

PREVENÇÃO.

Éra no leito da morte
O nobre Lucas Affonso ,
E a mulher, lendo um responso .
Ao pé do leito jazia.
De subito o moribundo
Ergue os olhos , rasos d'agua
E á mulher com muita magua
Suspirando assim dizia :

Ai , Clélia ! da morte escura
Vou prestès entrar no seio !
És bella e rica. Receio
Que ao consorcio não resistas .
E um máu casamento têmo
Por nossa filhinha Rosa . . .
— « Não témas , lhe diz a esposa ,
Que eu bem sei quem tenho em vistas . . .

FOI BRINQUEDO.

Que tunante !
Que birbante !
Que tratante
Que alli vem !
Que marânhas !
Que patrânhas !
E que entrânhas
Que elle tem ! . . .

Outro dia ,
Quando eu ia
Vér a Tia ,
Me seguiu ;
E , sem pejo ,
O malfazejo !
Dar-lhe um beijo
Me pediu.

Eu , irada
 Envergonhada ,
 « Nada ! nada !
 A dizer vou ;
 Quando o trêdo ,
 Sem ter médo ,
 Qual brinquêdo ,
 Me beijou !

D'um arranco
 A um barranco
 C'um tamanco
 O atirei ,
 E mais déra
 Se eHe espéra
 E não disséra
 — « Casarei » .

Mas . . . engano !
 Ai ! éra plano
 Do magano
 P'ra escapar-me !
 Depois , trêdo !
 Me diz lédo :
 — « Foi brinquêdo ,
 « Qual casar-me !

Tenho gana ,
Minha mana ,
D'a pavana
Lhe espanar !
Enganar-me !
Envergonhar-me !
Vir beijar-me
E não casar ! ? , .

A MORTE DAS FLORES.

(W. C. Bryant.)

São chegados os tempos dolorosos ,
Do anno os dias tristes e enlutados ;
A quadra dos tufões estrepitosos ,
De seccos bosques e despídos prados .

Na pobre encosta do fragoso oiteiro
As seccas folhas, de que o chão se veste ,
Rugem do gamo no passar ligeiro
Gemem do vento no soprar agreste !

O rouxinol dos vérdes sanctuarios
Fugiu . A selva jaz muda e sombria .
Chamando pelos corvos solitarios
Só uma ave se escuta em todo o dia .

Ai ! e onde estão agora as bellas flôres,
 Tão viçosas ha pouco e tão louçans ,
 Que , na grata estação , propria d'amores ,
 Se amavam , quaes ternissimas irmans ?

Na tumba ! Estão na tumba emmudecidas ,
 Sem arôma , sem vida e sem amôres ;
 Em pó, em triste pó já convertidas,
 Dormem eterno somno as pobres flôres !

Do triste leito seu no chão sombrio ,
 Em vão as chuvas caem repetidas ,
 Que as chuvas de novembro agreste e frio
 Não fazem revivér as rosas queridas.

A violeta e a anémone soffrêram
 Já de ha muito, o fatal, último corte ;
 Das sarças'te as flôres perecéram ,
 E a ortiga no calor achou a morte !

Ficaram girasões de ao pé do rio ,
 Que as aguas beijam de caudal sonóro ,
 E , qual recordação do quente estio ,
 As duradouras margaridas d'ouro ;

Mas eis que o frio inverno á terra desco ,
 Qual praga que entre nós surgisse impia ;
 De gélo o valle e os montes embranquece . . .
 Da terra adeus , ó flores e alegria !

Só lá de longe a longe ha doces horas ,
 Em que o sol nos sorri formoso e terno .
 E as abéllhas acordam zumbidóras
 Em seus tristes cubiculos de inverno.

Então se ouvem cair una por uma
 As nozes , desprendidas da ramagem ,
 E o lago, ja desfeito o véu de espuma ,
 Enruga as aguas ao soprar da aragem.

Em vão , porém , em vão do sul a brisa
 Se causa por colhér doces olóres ;
 Em vão terna e quicixosa se deslisa . . .
 Já na terra não ha . . . não brilham flóres !

Ai ! como isto acorda-me a memoria
 D'outra rosa , que é hoje inerte pó !
 D'aquella , cuja vida transitoria
 Passou ao lado meu , foi minha só !

Morreu, finou-se a rosa na floresta ,
 E , ao lançá-la na cova húmida e fria ,
 Eu lhe disse a chorar :— « Sorte funesta !
 Éras tão linda, e só viveste um dia !

Mas não foi , assim mesmo , tão terrível
 Qual a minha , pois vivo immerso em dór !
 Porque havias , mulher bella e sensivel ,
 De ter a curta vida d'uma flór !

A ESCRAVA.

Descança , misera escrava ,
Na triste mansão da morte !
Dorme em paz , que a dura sorte
Ja poder não tem em ti !
Do teu negro captivo
Foste na tumba remida :
Não témas voltar á vida . . .
Descançar pôdes aqui !

Tua passagem na terra
Foi um mar de sofrimento ;
Mas o teu ultimo alento
Poz termo a tanto lidar !

Dorme , pois , dorme captiva
 O teu derradeiro somno ,
 Que nem a voz do teu dono
 Te póde agora acordar !

Sonháste co'a liberdade
 Nos ferros do captiveiro :
 A morte veiu primeiro ;
 Mas qu'importa ? És livre agora !
 Para os felizes , no tumulto
 Pávida noite negreja ;
 Para os teus , só n'elle alveja.
 A luz de risónha aurora !

Qual secca folha arrancada
 Ao rijo sópro do outono,
 Vagáste de dono em dono
 Tentando abrigar-te em vão !
 De todos aos pés calcada ,
 Sempre a tremér por instincto .
 Só na cruz d'este recinto
 Te alvejava a redempção !

Quaes fôram no mundo as ditas ,
 Os prazeres que tiveste ?
 Baldões em quanto vivêste :
 Desprezos , depois , na morte !

Desde o berço á sepultura
 Sempre miserrima lida !
 Tal foi na terra a tua vida ,
 Tal foi , cãptiva ; a tua sorte !

Qual planta que , sobre o rio ,
 Foi pelo tufão lançada ,
 E vae , das aguas levada ,
 Perder-se morrer no mar ;
 Tal passáste sobre a terra ,
 Misera escrava , os teus dias ;
 Sempre alheia ás alegrias ,
 Sempre a soffrer e a chorar !

Qu'importa ao pobre cãptivo
 Se os dias nascem risõnhos ?
 Se há noites , que gèram sõnhos
 D'almõ prazer e ventura ? . . .
 Para elle é sempre noite
 De espèssõ véu tenebrõso !
 Para elle ha só repouso
 Na mudéz da sepultura !

Dorme , pois , misera escrava ;
 Descança da triste lida ,
 Que aqui á feral jazida
 Não chegam baldões da sorte !

Aqui o grão potentado ,
 Soberbo e forte lá fóra ,
 Vacilla , treme e descóra
 Ante os despojos da morte !

Mas tu não ; tu és livre e gosas ,
 Embóra na campa fria ,
 A aurora de um bello dia ,
 Da lua o mago clarão !
 E á noite , em quanto que a campa
 Te orvalham rócios celestes ,
 O vento pelos cyprestes
 Modula-te uma canção !

Aqui sorrís , aqui zombas
 Da furia dos teus senhores !
 Torturas , tormentos , dóres ,
 Já não valem contra ti !
 Dorme , pois , dorme , captiva ,
 O teu derradeiro somno ,
 Que nem a voz de teu dono
 Te pôde accordar d'aqui !

FORTE DE AMOR.

(N'um album.)

Ai, que sol ! que ardente calma !
Que sede , meu Deus ! que sede !
E embalde pede minb'alma,
Embalde uma fonte pede !

Sinto a febre a devorar-me !
Tenho as entrânhas a ardêr !
Sem achar , p'ra saciar-me ,
Uma fontinha sequer !

Debalde busco em delirio
Onde apagar este ardôr !
Morro á sede . . . ai ! que martyrio !
Não acho a fonte . . . d'amôr !

Maranhão—1864.

PRISÃO DE JOSEPH.

I

Perdida , louca de amôres
Pelo estrangeiro captivo ,
Arde em desejo lascivo
A mulher de Putiphar ;
De todo jã' olvidada
Dos seus mais santos devêres ,
Quer ao leito dos prazeres
O lindo moço arrastar !

Oh ! quem da mulher formosa
Resistir pôde aos enleios ,
Vêndo arfar-lhe os alvos seios
De ternura e de paixão ? !

Quem sentindo-se enlaçado
 Pelos seus braços formosos ,
 Pôde a impulsos amorosos
 Oppôr a voz da razão ? !

E pôde o captivo , e pôde !
 Que o Deus de Jacob o inspira ,
 Embóra se expónha á ira
 De uma mulher desvaçada !
 E pôde fugir-lhe , e pôde !
 Mas ai , captivo , cuidado !
 Que o teu vestido has deixado
 Nas mãos da mulher casada !

Cautella , moço , cautella !
 Que uma mulher repellida
 É serpente enfurecida
 Que espreita á beira da estrada !
 Na tua acção ha nobréza ,
 Virtude em tua esquivança ;
 Mas , cuidado co'a vingança
 De uma mulher despresada !

II

Senhor ! Punição severa
 « Para o captivo insolente
 Que até mim alçando a frente ,
 « Quiz forçar-me em vossa ausencia !
 « Luctei . Fugiu ; mas ficou-me
 « Entre as mãos o seu vestido . . .
 « Para o hebreu atrevido .
 Senhor . não haja clemencia ! »

Assim fallara do Eunucho
 A mulher bella , mas tréda ,
 Sem vér que o mancebo enréda
 N'um crime d'ella . . . só d'ella !
 E como prova eloquente
 De quanto alli lhe dizia ,
 Em pranto se desfazia
 A mulher tréda , mas bella !

O rôsto do irado Eunucho
 Tomára medônho aspecto ,
 Em que se lia o decreto
 Da mais fêra iniquidade.

Grossas rugas lhe encrespavam ,
 Quaes vagas , a tórva fronte ,
 Como as nuvens no horisonte ,
 Quando é perto a tempestade .

E fallou :— « Que o vil captivo
 Seja a um carcere arrastado ,
 Onde o seu negro attentado
 Hade expiar 'té á morte !
 Entreguei-lhe quanto eu tinha ,
 Pois tudo d'elle confiava . . .
 Tréma o vil que me enganava ,
 Que hade ter medónha sorte ! »

III

Pobre filho de Jacob ,
 Neto de Izac e Abraham !
 Lançado n'uma prisão ,
 Covardemente e sem dó !
 Triste vergonhea arrancada
 Do tronco d'onde brotaste !
 Flór que apenas despontaste ,
 Foste arrojada no pó !

Que por teus irmãos vendido
 Na vigorosa flôr da idade,
 Arrastas a mocidade
 Nos ferros da escravidão!
 Que pelo bem que praticas
 Só baldões te dão por pagas...
 Da sorte as revôltas vagas
 Onde alfim te levarão?!...

Ai! chora, misero servo!
 Desabafa a dôr immensa!
 Entre os teus já ninguém pensa
 Em ti, miserimo hebreu!
 Na patria fôste esquecido,
 Aqui mil tratos padeces...
 Ai! pobre! que não mereces
 Tamanho castigo ao céu!

Mas, valôr, animo, esperança,
 Joven filho de Israel!
 Talvez d'esse mar de fel
 Alfim saia o mel da vida:
 Talvez um porvir immenso
 Deus te reserve. Esquecêste
 Aquelle sônho que tiveste:
 Na tua patria querida?...

.....

IV

E o sonho realizou-se
Como o sonhára o proscripto !
Já todo o povo do Egypto
Vem a seus pés humilhar-se !
Louvôr a Deus nas alturas !
Hosanna A'quelle , cujas leis ,
Acima dos próprios reis ,
Fazem um servo elevar-se !

Hosanna Áquelle , que inspirára
Ao captivo , na prisão ,
A sabia decifração
De estrâneas visões escuras !
Hosanna Áquelle , que , depois ,
Ao rei Pharaó temido ,
Fez saber todo o occorrido . . .
Louvôr a Deus nas alturas !

Esgotada foi a taça
Do soffrêr acerbo e duro :
Exulta , servo obscuro ,
Que o teu reinado chegou !

Vae mostrar ao rei do Egypto ,
Que , mais do que os sabios seus ,
Sabe um captivo a quem Deus
A razão elucidou !

D'entre os horrôres da fome
Salva os estrânhos e os teus !
Tens graça aos olhos de Deus ;
Não témas maguas futuras !
Reinarás até á morte ;
Serás grande entre os maiores !
Entôa a Jehovah louvôres !
Louvôr a Deus nas alturas !

Maranhão—1865.

O GAUCHO.

(A. Torroella.)

Ruge o tigre feroz. Na selva umbria
Repete o éco seu feroz rugido !
E de médo o pastôr corre transido
A guardar a manada no redil !
Eia , gaúchos ! Aos desertos pampas !
Percorrâmos da selva as espessurâs ,
Revolvam dos corceis as ferraduras
As cálidas arcias do Brazil !

Eu só tenho por bens cá n'este mundo
O meu fiel punhal, e o firme laço :
Quando móvo , porem , meu forte braço ,
Obrigando o corcel a relinchar . . .
Quando a féra já cede e cambaleia
E rolâmos em terra enfurecidos ,
É canto que embriaga os meus sentidos
O ultimo rugido do jaguar !

Quantas vezes , perdido nas florestas
 Do meu nobre alazão ao collo azido ,
 Entre as garras do tigre enfurecido
 Senti rangêr as carnes do corcel !
 E rugi, como a fera sanguinaria
 Redobrando de esforço e de coragem ,
 E , frente a frente co'animal selvagem ,
 Meus dentes lhe cravei na dura pel !

Meu fogoso alazão , quando me arrastas
 Dos desertos nas áridas campinas ,
 Se me obrigas a pôr-te as mãos nas crinas
 Terrível . . . indomável sou então !
 Se relinchás audaz , possante espóra
 Sangrenta , te aniquilla o nobre brio ;
 Se te arrojas commigo ao fundo rio ,
 Nossos corpos unidos fluctuarão !

Vinde , tigres , chacáes , onças , leopardos !
 Surgi d'entre essas brénhas do deserto !
 Vosso rouco feroz seja o concerto
 Que anuncie o meu triste funeral !
 Abri as fauces , incendei os olhos ,
 E as carnes me devore o mais sedento ,
 Que a cada ronco que solteis ao vento ,
 No peito heide cravar-vos meu punhal !

Resplenda o sol no chão , tincto do sangue ,
Quo espadana da fera que apunhalo ,
Que não ha para mim maior regalo
Que vê-la contorcêr-se e ao chão rolar !
Que ao gaúcho convem tostado rôsto ,
Aspecto varonil , simples vestido ,
Pelo sangue do tigre enroxecido ,
Rasgado pelas unhas do jaguar ! . . .

Eu defendo o pastôr amedrontado ,
Procuro e venço o tigre em seu covil ;
Custodio a manada no redil ,
E salpico de sangue o areal !
É o genio da morte quem m'impelle
A vagar entre as selvas noite e dia . . .
O instincto feroz é quem me guia . . .
Passagem , pois , ao homem da punhal !

AMOR DE UMA ESCRAVA.

Sou negra , da côr da noite escura ;
Mas, à branca , da mais limpida alvura ,
Encantos não invejo.
Escrava , tenho em mim tal attractivo
Que o branco , de senhor , feito captivo ,
Por mim arde em desejo.

A mais formosa branca invejaria
Minha cûtis tão frêscas e tão macia ,
Se não fosse esta côr.
E em meu seio que treme d'alteroso ,
O branco , presentindo um mar de gôso ,
Anceia os dèdos pôr !

Meu corpo tão esbelto e delicado
 Não sei que tenha igual , quando ajustado
 N'um vestido de festa ;
 Mas se os gabos então chovem-me a rôdo ,
 Modesta , os olhos baixo com bom modo .
 Pois timbro em ser honesta.

Nem dos môços as phrases enfeitadas
 Nem dos velhos promessas tão doiradas ,
 Alcançam meu amôr
 Que em meu peito de ha muito só domina
 Quem , talvez , nem sequer o imagina ,
 E esse . . . é meu senhor

Por elle o peito meu d'amôr palpita ;
 A elle a pobre escrava não hesita
 Concedêr quanto tem !
 Mas ai ! qu'importa o fogo em que me abrasô ? !
 Da negra embora o branco faça caso ,
 Não é por lhe qu'rer bem . . .

Não é , não , que a pobre escrava
 Não val o amôr de ninguem !
 Qu'importa que seja bella ?
 Ninguem faça caso d'ella .
 Que é maldita a côr que tem ! . .

E, contudo, eu vejo ás vezes
 Nos olhos de meu senhor ,
 Tal expressão de ternura ,
 Que sônhô a doce ventura
 De gosar do seu amôr !

Lonca esp'rança ! ah ! não me leves
 A sonhar um impossivel ! . . .
 Mais val atroz desengano .
 Que o pungir quotidiano
 D'esta incerteza terrivel !

Inda quando a escrava ao branco
 Inspire affecto sentido ,
 Satisfeito o seu desejo
 O branco teria pejo
 De haver tão baixo descido !

Pobre raça , que , maldita
 Foste dos homens na terra !
 Qual foi o tremendo crime .
 Cujô castigo te opprime
 Com tão desabrida guerra ? ! . . .

Ao menos meu senhor não é , como outros
 Dos escravos tyranno.
 É meigo , compassivo e generoso . . .
 Meu senhor é tão bom , quanto formoso ,
 Tão nobre . quanto humano.

É por isso , meu Deus , que eu , pobre escrava ,
 Té elle ergui meus olhos !
 Mas ai ! que d'este amôr , que lhe tributo ,
 Eu só conto colhêr amargo fructo
 D'espinhos e d'abrolhos ! . . .

Ah ! não quero mais de amôr tão louco
 Nutrir a louca ideia !
 Meu pobre coração , em vão te esforças !
 Heide ser superior ás minbas forças ,
 Rompêr esta cadeia !

Não mais por este amôr serei ludibrio
 Do destino ferrênhô !
 Meu senhor ! . . . Que m'importa ? ! . . . Heide esquecêl-o . . .
 Mas cil-o que ali vem . . . oh ! como é bello !
 Meu Deus ! que amôr lhe tenho ! . . .

FIEM-SE N'ELLAS!

Fui assentar-me no bosque
Hontem de tarde ao sol pôsto ,
Para espalhar o desgosto
Do caso , que vou contar :

Um lavrador , meu visinho ,
Tem uma filha mui bella . . .
Maria se chama ella
E é a flôr do logar.

Para matar . pois , o tempo ,
Abri co'a môça um namôro ;
Mas sem faltar ao decôro ,
Nem offender o bom senso.

Quando me cri bem seguro
De tão formosa conquista ,
Pedi-lhe de uma entrevista
O desejado consenso.

—Sim, —disse ella .—mas promette
 Que hade comigo casar ?
 Ao que eu, sem mesmo hesitar .
 Lhe tornei :— Sim . . lá mais p'ra diante

Marcou-se o logar , e, ufano,
 Disse eu comigo :— Ella cáe !
 Mas fui e encontrei o pae .
 Copao seu representante ! . . .

O leitor fará ideia
 Do como eu ficaria ,
 Quando , em logar de Maria ,
 O pae me safu á frente ! . . .

É muito esperta , a mocinha !
 Mas a má porta bateu ,
 Que eu aos laços d'hymineu
 Não me entrego de repente ! . . .

Pensava , pois , n'este caso
 Quando ouvi doce toada . . .
 Éra a Anninhas da Portada ,
 Que a voz erguia aos espaços .

Ao vê-la tão garridinha ,
 Disse eu para os meus botões :
 —Vou dar-lhe dois beliscões ;
 Quatro beijos , e oito abraços .

Mas , apenas se aproxima ,
 Súc-lhe á frente um conversado .
 Um rapagão reforçado ,
 E valentão de mão cheia : —

E após algumas recusas
 Eis que ella se *conformava*
 E o que eu p'ra mim reservava
 Foi para o lórpa d'aldeia ! . . .

Fiquei como fulminado ,
 Co'o peito e a cabeça em braza ;
 E dirigi-me p'ra casa ,
 Chamando : — Que desafôro ! . . .

Mas , no caminho , lembrei-me
 Da engraçada Florinda , —
 Outra cachopa mui linda ,
 E o meu primeiro namôro. —

Ah ! — disse eu então , sorrindo .
 Vou passar por casa d'ella ,
 E se a encontrar á cancella ,
 Fago como os aldeões :

Põnho de parte a etiqueta ,
 E zás . . . abraços e beijos . .
 Satisfago os meus desejos
 Sem attender a razões .

Assim pensando , avistei-a
E os braços lhe fui lançando ;
Mas ella foi-me empurrando
De modo a fazer-me em cisco.

Que é isto , — disse eu , — que modos
Tomáste agora também ?
«—Não sabe? . . . Estou p'ra ser mãe ,
E vou casar co'o Zé Pisco . . . »

Basta ! — disse então comigo ;—
Não tento nova experiencia !
Das *ingénuas* camponezas
Fiem-se lá na innocencia !

NO CAMPO.

Eis-me no campo ! Perfumada brisa
Passa entre as folhas sussurrando meiga ;
E o rouxinol , a descantar amôres ,
A voz eleva na florida veiga !

A terna rôla , gemebunda e triste ,
Sólta queixumes no pinhal d'além ;
E , arando a terra , o lavrador — contente—
Alegres vozes faz soar também !

Além na serra a dardejar começa
Purpureos raios a nascente aurora :
Dos vérdes campos ; do pomar víçoso ,
Que grato arôma que rescende agora !

Eis-me no campo ! Do regato amêno
Se escuta o brando murmurar cadente ;
E entre os salgueiros da virente margem
O melro canta mui suavemente !

Alem o rio , cavalgando o agude ,
 Do alto as aguas com fragôr despêna ;
 E mais abaixo se ouve o som monótono ,—
 Igual e certo .— da pesada azênha !

Da terra entregues aos trabalhos rudes ,
 Alegres cantam a cachopa , o moço ;
 E o fumo em rôlos , que dos tectos sobe ,
 Já denuncia succulentô almoço !

Do carço ao longe a cantarola triste
 Quam bem à voz do camponez se casa !
 Sons compassados do thear se escutam ,
 E o galo canta por detráz da casa !

Eis-me no campo ! Dizem-m'ó estas vozes ,
 Que ha tantos annos d'escutar deixei !
 Eis-me no campo ! Que formosos sitios !
 Ai ! quantas vezes por aqui brínquei !

Eis-me no campo ! Que vivér singelo ! . . .
 Nem uma sombra de pesar sequer ! . . .
 Ai ! quem pudesse de uma vez p'ra sempre ,—
 Fugindo ao mundo ,— vir aqui vivér !

O VESUVIO.

(Em estado de erupção).

Eu o vi , vomitando ardente lava
Da estreita boca , ou infernal cratera !
Rugia , qual no matto a onça fera ,
E em furia os ceus e a terra ameaçava !
Tão hórrido e medónho trovejava ,
Que o mais afoito alli , certo , treméra ,
Vendo em róxa tornar-se a azul esphera
Das chaminas com que o monstro a incendiava !
Assombroso mysterio , alto e sublime !
Quem te pôde sondar a sangue frio ,
Vendo a terra oscillar . qual fragil vime ?
Quem ao vêr-te não sente un calafrio ?
Um certo *não sei que* . que não se exprime :
Mas que leva . . que arrasta ao desvario ? !

PELO BURACO DA FECHADURA.

(A uma joven e formosissima napolitana, que occupava, sem que eu o soubesse, um quarto contiguo ao meu no « Hotel de la Minerva », em Roma, e sobre cuja joven uma simples casualidade mo fez lançar vistas indiscretas, na manhan do dia do Corpo de Deus, através da fechadura de uma porta, que havia na parede divisoria dos nossos quartos).

É ella , meu Deus , é ella !
Não me engano ! Ai , que ventura !
Bem dita seja esta porta !
Bem haja esta fechadura !

Posso vê-la sem ser visto ,
Através d'esta abertura !
Bem dita seja esta porta !
Bem haja esta fechadura !

Qual Susana , cil-a no banho !
Que véntis ! Que formosura !
Bem dita seja esta porta !
Bem haja esta fechadura !

Como lhe tremem os seios!
 Que lindos que são! Que alvura!
 Bem dita seja esta porta!
 Bem haja esta fechadura!

Que esbelto corpo! Que formas!
 Que fina tez! Que frescura!
 Bem dita seja esta porta!
 Bem haja esta fechadura!

Eis que se enchuga a um lençol
 Rival da neve em brancura!
 Bem dita seja esta porta!
 Bem haja esta fechadura!

Agora veste a camisa
 De fina cambraia pura!
 Bem dita seja esta porta!
 Bem haja esta fechadura!

As meias calça . . . Que pernas! . . .
 O pésinho é uma pintura!
 Bem dita seja esta porta!
 Bem haja esta fechadura!

P'r'a festa de Corpus-Christi
 Toda se enfeita, e se apurã!
 Bem dita seja esta porta!
 Bem haja esta fechadura.

Ai bella napolitana!
 Acaba ! que se isto dura ,
 Morro com a agua na boca
 E os olhos na fechadura !

.....

E foi-se ! Deixou o quarto !
 E eu a porta com tristura
 Voltarei mais tarde ao *pósto* . . .
 Que porta ! Que fechadura !

.....

Agora não me censurem
 D'espreitar pela abertura !
 Foi peccado involuntario . . .
 Que porta ! Que fechadura !

Depois de vêr - só fugira
 Quem tivesse alma bem dura !
 Eu por mim quiz e não pude . . .
 Que porta ! que fechadura !

Desde então por muitas vezes
Voltei á mesma abertura !
E sempre a deixei , dizendo :—
Que porta ! Que fechadura !

Roma 1866.

ADEUS A SEVILHA.

Quién no hay visto Sevilla
No hay visto maravilla.

Adeus , alegre Sevilla ,
Terra das moças bonitas !
Adeus , engraçadas *niñas* !
Adeus, bellas *señoritas* !

Vou partir ! . . . Adeus , cidade ,
Linda flôr d'Andaluzia !
Adeus, formosas *muchachas* !
Adeus ! . . . Voltarei um dia !

Lembranças que d'áqui levo
Nunca mais se apagarão !
Tocadoras de guitarra ,
Adeus, que parte o wagão !

Amanhan quantas saudades
 Sentirás , coração meu ,
 Da *Gitana* , e dos *Boléros*
 Do *Fandango* . e . . que sei eu ! ? .

Ai ! adeus , linda *Sevilha* !
 Adeus , amáveis *pepitas* !
Cigarréras de *Triana* ,
 Adeus , risónhas *chiquitas* !

Adeus , *Calle de la Sierpes* !
 Adeus , suave *Conchi'ta* !
 Não chores assim , formosa ;
 Não chores meiga *pollita* !

Um dia , — talvez bém eêdo , —
 Voltarei , anjo , a *mirar-te* !
 Não chores ! . . Adeus . *palóma* !
 Adeus , que o wagão já parte !

Adeus , ó patria de *Figaro* !
 Meigas *Rosinas* , adeus !
 Adeus , andaluzas guapas ,
 Encantos dos olhos meus !

Sevilha , adeus ! Sôa a hora !
 Já veloz segue o wagão !
 Parto enfim : mas ai ! que deixo .
 Deixo em ti meu coração !

DESAFIO ALDEÃO.

Recordações de uma festa d'aldeia.

CRISPIM, olhando para Julia:

Estes senhores me pedem
P'ra eu cantar : — Cantarei :—
Se o fizer mal , não me culpem ;
Que eu a culpa não terei :
A culpa é de uns olhos pretos ,
Em que agora reparci. (*Pausa.*)

Teus olhos , linda setrana ,
São olhos , quaes nunca vi :
Em os eu vendo a meu lado ,
Já não sei que sinto em mi' :
De que são feitos teus olhos
Para prenderem assi' ? (*Nova pausa.*)

JULIA, depois de alguma hesitação, e instigada pelas companheiras :

Accusas meus olhos pretos ;
 Mas sem razão os accusas :
 Se não tens outra desculpa ,
 Com essa tu não te escusas ;
 E se accusar innocentes
 É teu officio , mal usas.

CRISPIM.

Accusar os innocentes
 Não é meu officio , não !
 Louvado Deus, que não tenho
 Tão desleal coração :
 Se, pois, accusei teus olhos
 Foi , ó Julia , com razão.

JULIA.

Tu hasde dizêr-me a offensa
 Que os meus olhos te fizeram :
 São criminosos ? Pois dize
 No que foi que te offenderam :
 Quero punir o delicto
 Que os meus olhos commetteram.

CRISPIM.

O crime d'esses teus olhos
 A todos está patente :
 São uns negros feiticeiros ,
 Que enfeitçam toda a gente :
 A mim , — sempre que me fitam . —
 Me prantam logo doente.

JULIA, sorrindo.

Ai , sim ! . . . Pois se é esse o crime
 Dos pobres dos olhos meus ,
 Vou dar-lhes a penitencia
 De nunca olharem p'r'os teus.
 Peccaram , vou castigal-os ,
 Que assim manda a lei de Deus.

CRISPIM, idem.

Como offendido . — os teus olhos
 Me compete castigar :
 Á dôna dos criminosos
 Vou a sentença intimar :
 Comdémno-a a que os lindos olhos
 De mim não possa arredar.

JULIA.

Se a vista d'estes meus olhos
 É tal que te faz doença ;
 Por Deus que entender não posso
 Tão exquisita sentença !
 Como em ti prantar meus olhos
 Se é d'isso que nasce a offensa ! ? . .

CRISPIM.

Tens razão . . . Mas vou mostrar-te
 Que ella me assiste tambem :
 É um mal que dá saude
 Esse que dos teus olhos vem :
 —Mal d'amôr , doce molestia
 Que sempre nos sabe bem.

JULIA.

Pois se a molestia te agrada
 Podes com ella ficar ;
 Mas olha , —accita um conselho :
 Não a queiras aggravar .
 Que as molestias aggravadas
 São difficéis de curar.

CRISPIM.

As molestias d'esta especie
 Não costumam ser de dura ,
 Quando quem d'ellas é causa
 Se quer incumbir da cura.
 Quem dera que tu quizesse
 Dar-me tão doce ventura ! . . .

JULIA.

De te curar ? . . . Vêjo agora
 Que estás dispôsto á chalaça !
 Os teus encommodos sinto';
 Porém não sei que te faça !
 Não sou medico . . . se o fosse
 Curava-te até de graça.

CRISPIM.

O remedio ao mal que soffro
 Existe na tua mão :
 Ai ! se me tu não tractasses
 Com tamanha ingratidão ,
 Bem prompto me curarias ,
 Dando-me o teu coração !

JULIA, fingindo-se formalisada.

O coração dar não posso
 Que o tenho em maior aprego !
 Mimos de tal natureza
 Nem os eu dou , nem os peço ,
 Tauto mais a uma pessoa
 Qu'inda nem sequer conheço !

CRISPIM, sorrindo.

Teus razão. . . Fiz-te um pedido
 Antes de dizer quem sou :
 São causa d'isso os teus olhos
 Em que ainda a revêr-me estou ;
 Mas ao teu justo reparo
 Promptamente attender vou :

Meu nome é Crispim Leituga
 Meu pae—um bom lavrador. . .
 Só de milho trinta carros
 Nós lavramos,—p'ra melhor.—
 Eu sou cabo de policia
 E meu pae é regedôr :

Temos casa de sobrado ,
 Que é a melhor do lugar :
 Na frente—jardim vigoroso ,
 Atraz—curtinha e pomar :
 Casa mais farta e mais franca
 Não ha . . . Podes perguntar :

Nas arrancadas, uas ceifas ,
 Sempre o Leituga se aponta ;
 Nas vendimas e esfolhadas
 Mettemos gente sem conta . . .
 À familia dos Leitugas
 Não ha quem faça uma affronta !

Sou filho unico , e tenho
 Mais do que um bom predicado :
 Sou esvelto , tóco e danso ,
 Jogo o páo , ando asseado ;
 Sou generoso e valente ,
 Sou solteiro e namorado :

As mais formosas cachopas
 Morrem por mim de paixão ;
 Mas por ti , por ti somente
 Sente amór meu coração !
 Se isto te basta , responde—
 Dás-me agora a tua mão ?

JULIA, com alegria mal reprimida.

Teu modo franco e leal
Meu coração captivou ,
E ás provas do teu affecto
Eu insensível não sou . . .
Resta , porém , que meu pae . .

CRISPIM, radiante.

A teu pae pedir-te vou.

S. Vicente de Pereira — 1866.

ROSITA.

Se tu souberas que profundo affecto
Cheguei a consagrar-te ;
Conhecêras o immenso sacrificio ,
Que eu fiz para deixar-te !

Se tu souberas quanto est' alma soffre
Por ti ,—por teu respeito ,
Terias pena do que talvez julgás
Feliz e satisfeito !

Mas não hasde sabê-lo ! Este segredo
Comigo hade morrer !
Não quero perturbar a paz serêna
Do teu doce vivér !

Só feliz , anjo meu ; — só bem ditosa !
 Já qu'eu não posso sêl-o !
 Em quanto eu vivo fôr . te amarei sempre :
 Mas não hasde sabêl-o !

O teu sônhô de amôr realisou-se !
 Alcançáste o teu fim !
 E hoje , que és feliz talvez , — quem sabe ? —
 Nem te lembres de mim ! . . .

Muito embóra ! Por vêr-te satisfeita
 A tudo eu me sujeito !
 Ai ! tudo esquecerei , — mesmo a mim proprio , —
 Tão só por teu respeito !

Encontrei-te a chorar em meu caminho ,
 E o pranto te cochuguei !
 Tu amavas a outro . e os teus amôres
 Eu mesmo auxiliei !

Ai ! foi por uma d'essas bellas tardes
 Do nosso Portugal ,
 Que uma vez te encontrei . — chorosa e triste . —
 Lá junto do pinhal !

Cantava o rouxinol por sobre os ~~camp~~mbros
 Das campinas em flôr !
 Solemne éra essa hora em que, — chorando, —
 Me falláste de amôr !

De amôr que tu sentias , mas . . . por outro . . .
 Por outro que não eu !
 Amei-te ! e este amôr sacrifiquei-o
 No mesmo instante ao teu !

Senti que os sônhos d'oiro da minh'alma
 Os tinha achado em ti ;
 E nem uma palavra a tal respeito , —
 Uma só ! — proferi ! . . .

Ai ! se , revêndo o teu passado , um dia
 Lembrar-te o viájôr ;
 Eu só com isso me darei por pago , —
 Bem pago — d'este amôr !

SAUDADES NO MAR.

A lua seréna e bella
Brilha esplendida no espaço ;
E o sôpro do vento escasso
Nem leve o mar encapella.
Na lisa face das aguas
O barco , oscillando , geme.
Tudo dorme. Só do leme
Cuidadoso o homem vela.

Que noite d'almos encantos
Na solidão d'estes mares ,
P'ra quem livre de pezares
Póde gosál-a feliz !

Não p'ra mim que de saudades
 Levo est'alma repassada !
 Saudades da patria amada ;
 Lembranças do meu paiz !

Ai ! quanto mais aprazível
 Seria uma noite d'estas
 Entre as sombrias florestas
 Da terra em que me eu criei !
 —Ouvir sussurrar a brisa
 Nas folhas de espaço a espaço ,
 E adormecêr no regaço
 D'aquella que tanto amei !

Lua do mar ! sei que és bella ;
 Que és brilhante e magestosa ;
 Mas de certo és mais formosa
 No céu do meu patrio lar ! . .
 A brisa que aqui suspira ,
 Ai , como é gelada e fria !
 Que triste melancholia
 Tem o marulho do mar !

Ai , quanto eu daria agora
 Por vêr o paiz risónho ,
 Onde a vida , como um sônho ,
 Me correu breve e feliz !

Impossivel !.....

— Vem , ó pranto

Prestar-me teu doce auxilio ;

Regar na terra do exilio

Saudades do meu paiz !

.....

Oceano atlantico - Novembro de 1867.

DE LISBOA Á MINHA ALDEIA.

I

No dia 11 d'abril de 1865, pelas 8^{1/2} horas da manhã, parti de Lisboa para a minha aldeia no wagão do caminho de ferro.

Imagine-se com que estremecimentos de alegria vi eu partir essa machina do progresso e da civilisação, que, em oito horas apenas, me devia conduzir ao logar do meu nascimento, do qual me achava auzente havia dezoito annos!

O dia estava lindissimo, e o céu,—puro, limpido, e azulado, como um verdadeiro céu de primavera. Comtudo uma brisa fria e um tanto agreste denotava ainda a recente transição da triste e melancholica estação invernosa para a quadra alegre e risôna das flôres.

Apesar d'essa brisa, que a velocidade da locomotiva tor-

nava por vezes desagradavel e importuna, eu não me afastava um momento sequer das janellas do wagão, tal era em mim o desejo de contemplar todas essas bellezas que a natureza accumulou com mão pródiga n'este abençoado torrão do meu bello paiz!

Effectivamente, logo desde a saida de Lisboa, a natureza desenrôla aos olhos do viajante extasiado um espectaculo dos mais variados e cheios de encantos: Aqui, vastissimos campos de fêno, trigo, ou centeio, ondeando ao sôpro da aragem, como um oceano de verdura; alli extensissimos olivães, dispôstos em filas symetricas, o que produz um effeito dos mais agradaveis á vista; além, densas mattas de pinheiros, carvalhos, sovereiros, etc, e tudo isto formando um tapete de tão variadas côres, e um conjuncto de tanta belleza, que surprehende realmente ao viajante, que pela primeira vez contempla esses logares.

De espaço a espaço apparecem, alvejando por entre a frondosa ramaria dos arvorêdos, risônhas e mui pittorescas povoações campestres; umas situadas na encosta de uma monte, outras no cimo de uma collina, a dominar um formosissimo valle, ou uma extensa e alegre planicie. Em roda d'estas povoações, deleitam a vista magnificos pomares, em que a laranjeira ostenta sempre a indisputavel primazia, que o delicado arôma das suas flôres, a sua copa sempre vêrde, e os seus dourados e mui saborosos pômos lhe dão sobre todas as outras arvores fructiferas.

Pouco adiante do Entroncamento, isto é, a cêrca de 20 leguas de Lisboa, o aspecto da natureza muda subitamente, e a esse taboleiro de verdura, que eu tão imperfeitamente

acabo de osboçar - succedem os montes escalvados e agrestes de *Chão de maçans*, e de *Cazarrias*, em cujos cimos a custo viceja alguma urze solitaria por entre os enormes penêdos, que parecem despenhar-se lá de cima sobre os viandantes; mas, ainda assim, na encosta d'esses montes ha bastante vegetação, e ahi se vêem frequentes rebanhos de gado lanigero, cujo pastôr, encostado ao cajado, contempla com ar melancolico a veloz locomotiva, unica visita, talvez, que no meio d'aquella vasta solidão o distráhe diariamente dos seus tristes pensamentos, e cujos silvos agudos e estridentes lhe fazem fugir pelo monte acima o rebanho amedrontado.

Os terrênos accidentados, ao contrario das longas planicies, apresentam sempre um aspecto muito variado e aprazivel.

Assim é que, passados rapidamente esses montes áridos e tristes, uma vegetação esplendida e luxuriante de novo se nos apresenta em todo o seu vigôr.

Pouco antes de chegarmos a Coimbra saudei com um grito de intima alegria a primeira rapariga que encontrei de roca á cinta. A vista d'aquelle tão simples instrumento do trabalho, tão usado nas aldeias do norte de Portugal, causou-me realmente uma satisfação inexprimivel.

Lembrei-me dos serões á lareira nas longas noites de inverno; das canções com que fui embalado no berço; dos singelos cantos de uma boa velhinha no meio de um auditorio infantil, que a escutava no mais profundo silencio; e de mil outras deliciosas scenas da minha infancia aldean. É que de todas essas scenas havia sido testemunha a roca,

essa classica roca, que eu tornava a vêr após desoito annos! . . .

Todo absorvido em passar e repassar pela memoria estas saudosas reminiscencias do passado, achei-me, quasi sem o sentir, em frente de Coimbra, da lusa Athenas, d'esse fóco, d'onde irradia a luz da sciencia para todos os angulos do paiz; d'essa Coimbra, emfim, tão decantada por poetas e prosadores, e tão querida e lembrada por aquelles, que lá passaram o melhor dos seus annos, e ainda pelos que, embora só de passagem, tiveram a felicidade de a vêr, com o seu *Mondêgo*, sua *Quinta das Lagrimas*, e de *Santa Cruz*, sua *Lapa dos Esteios*, seus *Perêdos da Saudade* e da *Meditação*, seu *Santo Antonio dos Olivães*; e tantas outras bellezas, que, vistas uma vez, jamais se esquecem na vida. . .

Não ha nada mais bello; mais garrido; mais risôhno do que esta cidade vista de fóra! Disse-lhe um adeus até breve, e passei. . .

D'ahi em diante o aspecto mais alegre e variado dos campos; o vigôr da vegetação; a frequencia das povoações; o traço pittorêseo dos camponezes; a alegria com que estes em bandos nos saudavam, parando por momentos os seus trabalhos agricolas para vêrem passar a locomotiva. . . tudo isto, repito, me fez exclamar com verdadeira alegria: — « Agora sim, estou na minha terra! »

Effectivamente ha bastante differença entre o sul e o norte de Portugal.

D'este lado a naturêza é em tôdos os sentidos mais vigo-

rosa e robusta; a cultura mais variada; os habitantes mais alegres; as povoações mais risónhas.

D'ahi a pouco saudei da Mealhada a famosa serra do Bussaco. Depois da abertura do caminho de ferro entre Lisboa e o Porto, o Bussaco tem-se tornado um lugar de romagem para todos os *tourists*.

Essa floresta virgem, onde se encontram cedros do Líbano de um tamanho colossal, e o admiravel ponto de vista que se desfructa do cimo da serra, do lugar chamado a *Cruz Alta*; panorama sem igual na Europa, segundo a opinião de muitos viajantes, attrahem alli realmente millhares de pessoas de todos os pontos do reino. e nenhum estrangeiro de bom gosto, que visite Portugal, deixa de lá ir pagar o seu tributo de admiração.

É extraordinario o incremento que ultimamente tem tido a Mealhada, povoação proxima da serra, e d'onde partem diligencias para alli.

Este incremento deve-se não só á circumstancia de ser a Mealhada o centro dos afamados vinhos da Bairrada, como a essa concurrencia de viajantes, e ainda a uma excellente estrada que d'alli segue para a Beira-Alta, com serviço regular de diligencias.

—Aveiro! cinco minutos!— gritou um empregado do caminho de ferro, abrindo-nos a porta do wagão, que acabava de parar ao som das vozes alegres de uma chusma de raparigas, que com a maior insistencia nos offerciam os afamados ovos moles n'uns pipinhos muito elegantes.

É este um commercio especial d'Aveiro, e que, com o dos mexilhões, chega a ser d'alguma importancia.

Observando da plataforma aquellas raparigas tão graciosas: tão vivas e tão alegres, pensava eu na proximidade em que já me achava da minha aldeia.

Effectivamente d'alli a Ovar havia apenas uma hora de viagem, e de Ovar á minha aldeia, talvez ainda menos, se promptamente achasse cavalgadas, como era de esperar. Achava-me, pois, tão sómente a duas horas de viagem do lugar do meu nascimento. D'ahi a duas horas podia eu abraçar meus paes, e vêr os logares da minha infancia! D'ali a duas horas, enfim, ia realizar-se o meu dourado sônhô de desoitô annos!

A lembrança de, tamanha felicidade me fazia quasi enfiuquecêr; mas uma outra lembrança me veio subitamente aguar o prazer da primeira: O sol havia desaparecido no horisonte, e o tempo mudado rapidamente. O céu, escurecido por nuvens negras e pesadas, ameaçava descarregar uma chuva torrencial sobre a terra, e, o que mais é, sobre a minha pobre individualidade, se me atrevesse a seguir immediatamente para a aldeia.

Esta lembrança, pois, me affligia muito, e eu luctava entre o desejo de entrar immediatamente na casa paterna, e o temôr de chegar ahi, após tão longa ausencia, n'um estado bem pouco apresentavel, não sendo de mais a mais sem algum risco a viagem de noite, e por caminhos, que depois de tão desapiedada chuva, forçosamente deviam de estar intransitaveis.

Em quanto eu me debatia entre duas ideias tão oppostas; o machinista, a quem —provavelmente— nenhuma d'ellas preocupava o espirito, deu força á machina, e

obrigou-me a adoptar uma terceira resolução, que foi a de saltar com incrível rapidez da plataforma para o wagão, afim de não dormir aquella noite na patria de José Esteves, o que aliás me teria sido muito agradavel se isso constasse do meu itinerario.

O wagão partiu com a rapidez do relâmpago, —naturalmente para se desferrar do atraso que tinha tido até alli e que alterava alguma cousa a hora da sua chegada ao Porto;— e d'ahi a pouco parava ao som das palavras sacramentaes: « Ovar! dez minutos! »

Tinha eu, pois, chegado ao termo da minha viagem por caminho de ferro.

Já era noite fechada, e a chuva caía com violencia, batendo de encontro aos vidros do wagão.

Saltei para a plataforma, e o tempo, que o wagão alli se demorou, empreguei-o a conversar com o amigo Bento José Esteves Dias, meu inseparavel companheiro de viagem desde o Maranhão.

Ao *lim lim* da campainha, abracei-o, e despedi-me d'elle, e vendo-o partir ao som do estridente silvar da locomotiva, confesso que senti o coração opprêso de tristeza e de saudade pela falta de tão excellente amigo e companheiro.

II

Acompanhei o wagão com os olhos até lhe perder de vista as lanternas, cujas luzes vi sumirem-se rapidamente por entre os immensos pinheiraes, que circumdam a villa d'Ovar.

Fui então entender-me com um dos empregados da estação, pedindo-lhe algum conselho adequado á minha situação.

Aquelle foi de parecer que não devia eu seguir para a aldeia por noite tão escura e tenebrosa, através de tão copiosa chuva, e por caminhos, que, necessariamente, deveriam achar-se em estado lamentavel. E accrescentou que o melhor seria passar eu a noite em Ovar, e partir no dia seguinte pela manha.

Ainda que com bastante pesar, aceitei o conselho, e pedi-lhe que me mandasse ensinar o caminho da villa, a qual, pôsto que diste apenas um kilometro da estação, não se podia d'alli vêr, não só por causa da escuridão da noite, como por se mettêr de permelo um magnifico pinhal, que ainda mesmo de dia lhe intercepta a vista.

Ah! esta desgraçada resolução de ficar em Ovar - foi a origem de uma serie de soffrimentos incalculaveis por que passei n'aquella malfadada noite...

O obsequioso empregado chamou immediatamente um joven aprendiz de sapateiro, da villa, o qual casualmente alli se achava, e o encarregou de me ensinar o caminho.

O pequeno, porém, pediu-me que me demorasse um pouco, pois tinha ainda que fallar com um empregado da estação e, —em segredo—, me communicou que era para receber d'elle a importancia de um par de sapatos. Esperei-o; mas com impaciencia, visto que só passado muito tempo é que voltou. E note-se que, não obstante ser - se me não falha a memoria, a decima sexta vez que alli ia para receber tão negregada quantia ainda então o não conseguira, o que seja dito sem a menor offensa não só a esse, como a todos os empregados presentes, preteritos e futuros de caminhos de ferro.

Puzemo-nos emfim a caminho.

A noite ia adiantada; a chuva continuava a cair sempre, pôsto que agora com menos violencia, e uma solidão medonha reinava n'esse pinhal, que eu e o meu pequeno guia atravessavamos no maior silencio, mal podendo divisar o caminho por entre tão profunda escuridão.

Depois de assim caminharmos por algum tempo, lembrei-me que levava uma carta de recommendação para um sujeito, que era vereador da camara d'Ovar. Perguntei ao pequeno se conhecia esse homem, e elle respondeu-me que não.

Eu ia expressar-lhe a minha admiração pelo facto de não conhecêr elle um personagem tão importante como devia

de ser um homem que era vereador da camara d'Ovar, quando ouvi de dentro do matto estas palavras, pronunciadas por uma voz forte e retumbante, que me fez estremecer involuntariamente: « Esse vereador não reside em Ovar, e sim na freguezia de Santa Maria de Vállega, que dista d'aqui uma legoa » Ainda eu olhava espantado para o logar d'onde me tinha parecido ouvir soar a voz, quando vi saltar para a estrada, — galgando de um pulo formidavel o vallo que a separa do matto —, o mais alentado vareiro de quantos tenho conhecido na minha vida, o qual sem mais cerimonia se veiu collocar a meu lado.

Eu não sou dos mais timoratos, e nas occasiões de perigo chego mesmo a adquirir uma certa energia, de que eu proprio me admiro depois; mas confesso que fiquei petrificado com a apparição brusca e inesperada d'aquelle homem, — n'um sitio tão medôho, e a taes horas.

Instinctivamente levei as mãos aos bolsos, procurando alguma arma com que pudesse defender-me de um ataque, que julguei desde logo certo e inevitavel; mas nada tendo achado, á excepção de uma cambada de chaves, e uma caixinha de lumes promptos, não tive outro remedio senão acceitar aquella forçada companhia, e resignar-me ao que me pudesse acontecer que, estava bem certo, não seria coisa boa. Fui pois marchando; mas sempre cauteloso e attento, para não perder de vista um só movimento do meu novo companheiro.

A minha inquietação subiu de ponto, quando este se atreveu a fazer-me algumas perguntas sobre a minha situação, e mesmo sobre o motivo que a taes horas me obrira

gava a atravessar um pinhal deserto. e sob tão copiosa chuva. . . Depois de caminhar algum tempo na mais dolorosa ansiedade, sem descobrir o mais pequeno movimento aggressivo da parte do meu formidavel companheiro, comecei a vêr uma fraca claridade, na minha frente, e apenas a algumas braças de distancia, que desconfiei ser o fim do pinhal. Interroguei o meu homem a tal respeito, — não sem bastante receio de que a minha pergunta lhe despertasse e apressasse mesmo a realisação dos malévols intentos — o qual me respondeu que sim, e accrescentou depois tranquillamente: « Alli é o cemiterio d'Ovar, porém a villa ainda fica a alguma distancia ». Á palavra « cemiterio » immediatamente me correram uns calafrios pelo fio do lombo; e logo imaginei que o malvado me tinha deixado vir até alli vivo, sómente com o fim em verdade fluvavel de me proporcionar uma sepultura decente e christan.

Lembrei-me então de meus pobres paes; da minha aldeia; de todos esses logares, que haviam sido theatro dos meus innocentes brinquedos: e chorei em silencio o desgraçado fim que, — provavelmente —, me aguardava, alli tão perto de tudo isso, e justamente quando eu julgava chegado o momento feliz de tornar a vêr objectos tão caros ao meu coração, e com tanta dôr e saudade lembrados e chorados desde o dia em que d'elles me ausentei!

Inteiramente absorvido por tão amarguradas reflexões chei-me insensivelmente defronte do referido cemiterio cujos muros se elevavam gigantescos, alvejando como phantasmas por entre a tenebrosa escuridão da noite.

O vento, soprando violentamente contra os cyprestes que povôam aquelle pavoroso recinto, produzia um som tão melancolico e lúgubre, que parecia uma néfita de finados; e mais augmentava o horror da funebre habitação dos mortos.

Maquinalmente me afastei do corpulento vareiro, e apressei o passo quanto pude, não sendo sem grande admiração que vi ficar-me para traz o fatal recinto, estando eu ainda incólume.

Entrei pois na villa, já um pouco desassombrado e repôsto de um susto que não se pôde julgar inteiramente infundado; e ordenei ao pequeno que me conduzisse á melhor hospedaria da villa.

« Sim, meu senhor. — me respondeu elle —, vou levá-lo á hospedaria da *Thereza Cortadeira*: »

Apezar d'este appellido de *Cortadeira* não me soar muito agradavelmente aos ouvidos, eu me dispunha a seguir o pequeno sem a mais leve desconfiança; quando o miseravel auctor de todos os meus infortunios d'essa malfadada noite ordenou imperiosamente ao rapaz que me levasse á hospedaria da *Thereza do Grande*, cujo tratamento era melhor.

O pequeno obedeceu immediatamente; sem proferir palavra, e eu acompanhei-o; porém bastante contrariado...

A continuada ingerencia d'aquelle homem nas cousas que me diziam respeito, desconcertava-me completamente... Que interesse terá elle, perguntava eu a mim mesmo, em que eu vá para esta, ou para aquella hospedaria? E atterradoras suspeitas me vinham amargurar a existencia; sus-

peitas que não se desvaneceram, antes augmentaram consideravelmente, quando olhei em roda de mim, e já não vi o meu infatigavel *Cabrion*.

Tinha desaparecido sem dizer palavra, e sem que eu mesmo tivesse dado por isso.

Pelas ruas não transitava alma vivente; as portas estavam fechadas; a chuva ainda não tinha cessado, e a escuridão era profunda e medonha.

Tudo isto contribuia para augmentar as apprehensões do meu espirito, já transviado pelos successos precedentes.

Cheguei, pois, á hospedaria da Snr.^a *Thereza do Grande* muito impressionado e prevenido, e mais impressionado e prevenido fiquei quando entrei na casa, que, como tal me indicara o pequeno.

Era uma sala estreita e comprida, ao rez do chão, ladrilhada com pedras já muito gastas e poidas, e n'uma rua estreita e mal calçada, á qual corria parallela.

Á direita, entrando, via-se encostada á parede uma banca pequena e velha, sobre a qual se achava uma candeia de folha, denegrida e immunda lançando uma luz baça e soturna, cujos reflexos pallidos davam uma apparencia de grandeza colossal e pavorosa a esse armazem immenso e desordenado, deixando ver uma multidão de objectos espalhados por toda a casa. Das paredes pendiam, á maneira de trophéos, résteas de cebolas e alhos, presuñtos, colheires de pão, e mil outros objectos de uso culinario e domestico.

Á esquerda uma porta aberta deixava ver um pequeno quarto contiguo á sala.

Este quarto era allumiado por outra candeia irman da primeira, e collocada sobre outra banca, que tambem se conhecia visivelmente ser aparentada em grão muito proximo com a que ornava a sala, pois apezar de ser um pouco maior não era nem menos velha, nem menos engordurada. Em volta desta banca estavam sentados uns cinco ou seis homens do povo, jogando a bisca, ou o que quer que fosse em cartas muito sebêntas. Estes homens, que, provavelmente, á claridade do dia me teriam parecido bellos rapagões, n'aquelle momento me parecêram verdadeiros demônios, vistos á luz mortiça da candeia, com as suas longas carapuças e cintos encarnados.

Como dona da casa apresentou-se-me uma mulher, que me pareceu horriavelmente velha e feia, dirigindo-me palavras muito amaveis, protestando que eu ficaria satisfeito com o tractamento e muitas outras cousas, que mais contribuiam para augmentar a minha desconfiança, imaginando em cada palavra da astuta mulher uma cilada, da qual eu estava n'aquelle desgraçada noite forçosamente destinado a ser victima.

O pequeno havia desaparecido assobiando e cantarolando com uns patacos que lhe dei, e eu considerava-me agora n'uma posição ainda mais critica e mal parada que d'antes.

Ficar alli era cousa em que eu nem pensava; mas para onde ir áquellas horas, com tal tempo, sem conhecer pessoa alguma na villa, e desconfiando de tudo e de todos?! E que desculpa rasoavel podia eu dar áquella mulher, que tão obsequiosa se mostrava para commigo, lisongeadá sem duvida pela preferencia que dei á sua *Pousada*, indício

evidente do credito e fama de que a mesma gosava?!

Confesso que me não sabia dar a conselho, e que cada vez estava mais atado e parvo.

Para ganhar tempo e pudér descobrir algum meio de me safar airosamente de tão apuradas circumstancias, puxei do bolso um masso de cartas, e comecci a lêr em voz baixa os sobrescritos das mesmas. Deprando com a que era para o vereador occorreu-me subitamente uma ideia...

Perguntei á mulher por elle. A resposta foi, como eu já o adivinhava que residia em Vátlega.

Mostrei-me então muito contrariado por essa circumstancia para mim inprevista, e disse á estalajadeira que me desculpasse, mas que em vista do que acabava de dizer-me, não podia eu de modo algum ficar alli, pois que tendo forçosamente de partir para o Porto no dia seguinte, no comboyo das 10 horas da manhan, e não o podendo fazer sem concluir um negocio urgentissimo que tinha a tractar com o mesmo vereador me era necessario partir immediatamente para Vátlega; que me mandasse pois ensinar o caminho da estação para eu ahi alugar uma cavalgadura, visto como um empregado da mesma —*um meu amigo*— (convinha que ella soubesse que eu tinha alli um amigo) mo assegurara que havia alli proximo um alquilador.

A minha intenção era dormir na estação com os empregados.

A mulher ainda oppoz algumas considerações; mas vendo que a minha resolução era inabalavel, chegou-se á banca de jogo; fallou em voz baixa com um homem dos mais

môços, e tanto esse como os outros olharam immediatamente para mim. Depois disse ella em voz alta :

« Anda, avia-te que esse senhor está á espera, » e pareceu-me que acompanhara estas palavras com um certo aceno de cabeça, que eu traduzi immediatamente por isto: *No pinhal é tão faeil a empresa como aqui* e mais me convenci de que tinha traduzido fielmente, quando o homem indicado, ao aproximar-se de mim, e ao som das palavras: « Prompto, patrão! » fechou com um grande estalo uma formidavel navalha de molas.

Recuei um passo, e levei maquinalmente a mão ao coração, onde já me parecia estar sentindo entrar a aguçada ponta da tremenda *cuchila*.

Os meus temôres subiram de ponto, quando, transpondo vagarosamente o limiar da porta, ainda indiciso sobre o que devia fazer esbarrei de cara a cara com o vareiro encorpado, que tão inopinadamente me havia apparecido no pinhal.

À vista d'este novo encontro, não gastei muito tempo em pensar na nova resolução que devia tomar. Em menos de um segundo adoptei duas, e ambas inabalaveis, uma a de não ir mais para a estação, e a outra a de me dirigir ao administrador da comarca; portanto gritei ao vareiro da navalha :

—Para casa do administrador!

—É longe...

—Não importa!

—É difficil que lhe abra a porta a estas horas.

—Não importa! Conduze-me a casa d'elle!

III

O vareiro obedeceu, e d'ahi a poucos momentos eu batia com força á porta do doutor Cunha, administrador da Comarca d'Ovar. Aquella foi-me aberta, e eu recebido pelo filho do mesmo administrador, o doutor Alfredo, o qual me fez saber que seu pae me pedia desculpa de não apparecer, por se achar encommoado.

Ao joven doutor contei succintamente o que se havia passado, concluindo por lhe pedir que me indicasse uma hospedaria capaz, onde eu pudesse passar o resto da noite.

Aquelle, tendo-se mostrado extremamente admirado durante a minha narraçã, sorriu-se por fim com um certo ar malicioso, e respondeu-me que a melhor hospedaria da villa éra exactamente a da *Thereza do Grande*: Que essa casa em que eu havia entrado, a qual, ainda assim, não lhe parecia tão feia como eu a pintava, era unicamente destinada para os homens de trabalho que alli iam comêr e beber: Que para os hóspedes decentes havia, defronte d'essa,

uma boa casa de sobrado, onde n'aquella mesma occasião se achavam varios hospedes de toda a consideração, e entre elles, alguns vindos tambem do Brazil, não lhe constando que estivessem descontentes; pois que a Snr.^a *Thereza* tractava muito bem; e era muito capaz. Não obstante isto, —acrescentou o doutor Alfredo—, estava prompto a ir commigo á hospedaria da *Thereza Cortadeira*, onde me recommendaria, ficando eu convencido de que, quer n'uma, quer n'outra, seria bem tractado, independente de qualquer recommendação. A estas palavras foram-se dissipando, como por encanto, todas as minhas desconfianças e temôres; a minha razão esclareceu-se; o meu espirito tranquillizou-se, e então, —francamente o confesso;— fiquei corrido de vergonha, não só pela pusilanimidade, que, com razão ou sem ella, se podia inferir do meu procedimento, como tambem pela grave injustiça que fiz áquella pobre gente.

N'essa occasião eu iria alojar-me com toda a confiança na primeira espelunca que se me abrisse, se o doutor Alfredo não insistisse em acompanhar-me á mencionada hospedaria da *Thereza Cortadeira*.

Uma creada estremunhada nos abriu a porta e conduziu a uma sala decente, destinando para meu alojamento um pequeno quarto com uma cama, contiguo á mesma sala.

O doutor despediu-se de mim, promettendo vir vêr-me no dia seguinte, e retirou-se depois de haver recommendado á creada que me tractasse muito bem, pois que eu era amigo d'elle, e de seu pae.

Eu estava tão fatigado, que me atirei mesmo vestido pa-

ra cima da cama, onde pretendia restabelecêr-me de tantas fadigas.

D'ahi a pouco dormia tranquilla e profundamente, e só acordei ás 6 horas da manhan.

Levantei-me e abri a porta do quarto. A luz de um bello dia de primavera penetrava através dos vidros das janelas, e inundava toda a sala, fazendo-a resplandecêr alegremente.

Abri essas janellas, e vi que davam para um pequeno mercado de louça e hortaliça. Os raios do sol nascente reflectindo-se sobre os telhados alvejantes das casas da villa, davam a todos os objectos um aspecto alegre e encantador.

Nas ruas observava-se um movimento pouco inferior ao de uma cidade populosa, o que não deve admirar sabendo-se que Ovar além de uma população de cerca de 12 mil habitantes activos e laboriosos, tem *praça ou feira* todos os dias, o que lhe attrahe enorme concurrencia das populosas aldeias visiñhas, uma das quaes, Vállega, tem 5 mil habitantes.

Comecei então a admirar esse typo bello e gracioso das vareiras, —as andaluzas de Portugal.— segundo a expressão do meu amigo o doutor José Correia Loureiro, e confesso que a reputação de que gosam estas formosas mulheres em nada desmereceu no meu conceito.

Aquelle dia tão claro; aquelle céu tão limpido e tão azul: aquelle aspecto tão alegre dos habitantes: a villa toda resplandecente de luz e de vida, e cercada de verdejantes campos, limitados ao longe por extensos pinheiraes: tudo isto, repito, produziu em mim um effeito admiravel. Contem-

plando extasiado esses objectos , que tantas vezes ja tinha visto em creança , considerei-me n'aquelle momento bem feliz! . . .

Lembrei-me depois das scenas da vespera , e novamente me envergonhei do papel ridiculo que os meus temôres pueris me haviam feito representar, e de que os vareiros certamente muito se haviam de rir.

D'estas desagradaveis lembranças me veiu tirar muito a proposito a voz da creada , perguntando-me o que queria para almoçar

—Bifes , ovos quentes , pão e vinho , —lhe respondi —, e podendo ser já , tanto melhor.

D'ahi a pouco estava o almoço servido .

Almocei rapidamente , e me dispunha para ir a casa do administrador agradecer-lhe os serviços que me havia prestado , quando entrou o doutor Alfredo , que vinha saber como eu tinha passado , e convidar-me para almoçar com elle e a sua familia.

Respondi que não podia aceitar o convite por ter já almoçado ; mas que de bom grado o acompanhava para agradecer a seu pae os obsequios que se tinha dignado prestar-me , e , —acto continuò— nos posémos a caminho para esse fim. Tanto o doutor Cunha , como sua excellente familia me prestaram o mais benévolo acolhimento , e se por um lado eu me envergônho agora d'aquellas ridiculas suspeitas , nascidas no meio do pinhal ; por outro lado muito me lisongeio da valiosa amizade d'esta bondosa familia ; amizade que teve origem n'aquelle mesmo facto.

O excellente administrador mandou-me preparar cavalga-

duras para o meu transporte , e me deu um homem empregado na administração para me acompanhar á minha aldeia.

De caminho para a estação , onde tinha de receber as malas , quiz passar por casa da snr.^a *Thereza do Grande* , onde tantas desconfianças me haviam assaltado na vespera , e fiquei realmente surprehendido de vêr , ao entrar alli quanto essas desconfianças me tinham transviado o espirito.

Essa snr.^a — que me tinha parecido horrivelmente velha e feia — nem é velha nem feia ; é uma mulher apenas de quarenta e tantos annos , e de feições agradaveis e sympathicas. A casa , que tão horrivel se me tinha afigurado , nada tem tambem que possa infundir receio.

Os individuos que jogavam a bisca , eram ferradores , pescadores , etc , todos homens do trabalho , conhecidos na villa , e contra o procedimento dos quaes nada havia que deposesse , havendo apenas um , entre elles , com fama de rixoso e valentão.

E quanto ao sujeito , que tão intempestivamente e por um módo tão brusco , me appareceu na estrada , era elle um pobre homem , que exerce honradamente o emprêgo de guarda das mattas , em desabôno do qual tambem nada constava , pôsto que a sua descommunal corpulencia , e uns módos algum tanto asselvajados , lhe dessem uma apparencia menos vantajosa.

Com toda esta boa genta me dou hoje , e não lhe noto senão excellentes desejos de me servir e obzequiar.

IV

Seriam pouco mais de 9 horas da manhã, quando parti da estação para a minha aldeia, unicamente acompanhado pelo homem que o administrador para esse fim me havia dado.

Por este eu soube que a snr.^a *Thereza Cortadeira*, tendo vindo na vespera esperar o doutor Alfredo á escada, lhe perguntara quem eu era e que este, encolhendo os hombros, lhe respondera que não sabia, e que me tinha vindo trazer á hospedaria e alli recommendar unicamente porque eu para esse fim havia recorrido á administração.

Que então a estalajadeira, muito admirada, e ao mesmo tempo desconfiada do viajante que por um modo tão desusado lhe entrara na *Pousada*, mandara dois homens armados para a sala contigua ao meu quarto, os quaes ali passaram a noite!

Louvando muito a precaução da snr.^a *Cortadeira*, exclamei commigo mesmo:

Élha por élha! e ri-me interiormente, lembrando-me da lebre da fabula, que ficou muito ufana por ter conseguido mettêr mêdo ás rans.

Eu ia tão absorvido pela ideia da felicidade que d'ahi a momentos esperava gosar que nada respondi ao meu companheiro, o qual percebendo, sem duvida, que a sua conversação me não interessava, deixou-me d'ahi em diante em paz, e todo entregue aos meus pensamentos, o á contemplação d'esses sitios, onde tão felizes se haviam deslizado os meus primeiros annos.

A cada passo que eu dava se me apresentava um logar em que se havia passado uma ou outra scena da minha vida infantil.

Em cada pinheiro, em cada carvalho, em cada objecto, enfim, com que eu ia deparando, encontrava um antigo amigo, uma testemunha muda, mas eloquente dos meus innocentes brinquedos.

Tudo tinha para mim encantos indiziveis, e era tão grande naquelle momento a minha felicidade; tão fortes as sensações que eu experimentava, que pude então convencer-me por mim mesmo de que a alegria pode tambem matar, como a dôr.

Umaz vezes me parecia ouvir as vozes tão conhecidas de meus paes; outras vezes punha-me a escutar, suppondo ouvir os sons harmoniosos dos sinos da minha aldeia, reboando em festivo repique pelas quebradas dos montes, e quanto mais me aproximava mais frequentes se tornavam estas illusões.

Foi então que pedí um auxilio á minha pobre musa, a

qual apénas me pôde dar os seguintes versos , tão pobres como ella , mas que eu pronunciei chorando e que ainda n'este momento escrevo com as lagrimas nos olhos :

O REGRESSO.

Eis os prados e veigas floridas ,
 Onde infante sorri e brinquei
 E com tantas saudades deixei ,
 De meus paes entre prantos sentidos !
 Esta brisa que doce murmura ,
 Recolheu meus primeiros lamentos ,
 E aos maternos ouvidos attentos
 Fez chegar os meus débeis gemidos !

Foi á luz d'este céu anilado
 Que os umbrâes penetrei da existencia :
 Tantos annos volvidos n'ausencia
 Não puderam fazer-m'o 'squecer !
 È que eu via —através da saudade—
 Um passado a sorrir entre flôres ,
 E este céu , esta luz , estas côres ,
 Testemunhas d'esse auréo viver !

Este sol, que tão vivo resplende .
 Dando a tudo seu almo calor ;
 Da invernosa estação no rigôr,
 Com seus raios tambem me aqueceu !
 Eis a matta de annósos piubeiros ,
 Para mim de saudosa lembrança ,
 Cuja copa sombria, em creança ,
 Dos ardôres do sol me acolheu !

Eis o rio : Que dias tão lédos
 Eu passei n'estas margens virêntes !
 Como agora, mil vozes cadêntes .
 Se elevavam lá d'entre os balseiros !
 Rouxinol ! rouxinol ! que saudades
 Me desperta o teu canto d'agora !
 É que a doce alegria d'outr'ora
 Me fugiu com meus annos primeiros ! . . .

Vou chegar : Entre vérdes pomares ,
 Já diviso as casinhas d'aldeia !
 Como est'alma de júbilo anceia . . .
 E de uns vagos reccios tambem ! . . .
 Vinde , scenas da flórida infancia ,
 Dar-me a força que á vida me falta . . .
 Mãe , que ideia importuna me assalta . . .
 Serão vivos . . . meu pae . . . minha mãe ! . .

Deus é justo, e não hade privar-me
 Da alegria maior da minh'alma;
 Nem de honrosas fadigas a palma
 Pelos goivos da campá trocar-me!...
 Eia, peito, socega e respira,
 Que eu já vejo meu tecto paterno...
 Oh! mil graças.. louvôr ao Eterno!...
 Vou enfim de prazêr saciar-me!...

Já os bons camponozes se acércam
 Da casinha em que eu vi a existencia...
 Mas *quem* eu busco vêr de preferencia,
 Ai! debalde procuro entr'aquelles!...
 Mais um passo... coragem.. coragem...
 Que uns velhinhos diviso tambem!...
 Ai! se fossem meu paç, minha mãe...
 Eis que a mim se encaminham... são elles!

E éram, como bem o puderia attestar quem me ouvisse
 recitar em voz baixa o ultimo verso, e me visse d'ahi a um
 instante entre os braços d'aquelles que me deram a exis-
 tencia.

Que mais dêvo eu dizer das sensações que experimenta
 um filho, que ao cabo de dezoito annos de perigrinar por
 longiquas terras estranhas, tem a felicidade de voltar aos

patrios lares; de encontrar seus paes vivos; de abraçal-os, e de contar-lhes os perigos e soffrimentos porque passara durante a sua longa ausencia?

Nada! porque a linguagem humana é insufficiente para exprimir taes sensações.

Se estas linhas —que escrevo só para mim— por um acaso qualquer chegarem um dia a vêr a luz da publicidade, só bem as poderá comprehender aquelle, que tenha gosado a felicidade de que eu gosei no dia em que me abriguei de novo sob o tecto da casinha paterna; em que ouvi cantar o rouxinol sobre o ramo da velha *pereira*, que se debruça gracioso por cima do telhado do meu antigo quartinho de dormir; em que meu pae me conduziu ao pomar para me mostrar as fructeiras que eu mesmo havia plantado; em que minha mãe me mostrou a roca pintadinha —trabalho artistico dos meus verdes annos— com que a bria-dei antes de partir para o exilio, e que ella conservára desde então como preciosa reliquia; em que bebi agua da *Fonte do Pinhal* onde tantas vezes na infancia tinha ido matar a sêde; em que vi o *Campo da beira do rio*; o *Monte da azênhã*; a *Devêsa da encosta*, e tantos outros logares e objectos tão queridos do meu coração, e que jamais havia podido um só momento riscar da memoria.

Aquelle que tiver gosado tamanha felicidade, esse comprehenderá de certo a sensação com que escrevo estas linhas; os outros, se as lêrem, atirarão com indifferença o papel que as contiver, porque ha gosos na vida, dos quaes só bem póde julgar quem os experimentou.

A noticia da minha chegada espalhou-se por toda a al-

deia com uma rapidez incrível. Em menos de duas horas encheu-se a casa de amigos de meu pae e meus. Entre estes tive a fortuna de vêr varios **companheiros** de escola, recentemente chegados tambem do Brasil, e com os quaes convivo mui agradavelmente. Ha dias fui a uma festa de arraial, e fiquei realmente maravilhado do aspecto pittoresco e verdadeiramente bello, que offerece essa reunião de milhares de pessoas, com os seus trajos tão variados e garbados; e não menos da vida e animação que reinam nestas fefas d'aldeia. O nosso povo do campo é incontestavelmente o povo mais alegre do mundo.

Não ha mancêho que não toque algum instrumento; não ha rapariga que não saiba cantar *á festa* e o improviso nos cantares ao desafio é tão rapido, quanto, por vezes, feliz. Tenho apanhado muitos d'estes improvisos, por certo dignos de enriquecerem a collecção que o nosso popular Palmeirim está publicando no *Archivo Pittoresco*.

Todas as modas aldeans são lindissimas, significativas e caracteristicas. Ah! com que prazer tornei eu a ouvir cantar a *Chula*, a *Cana verde*, a *Remaldeira*, o *Malhão*. o *Randungo*, etc!

Diante das nossas dansas nacionaes, tão caracteristicas, tão rapidas; tão cheias de vida e animação, que figura ficaria fazendo uma fria e ceremoniosa quadrilha franceza? . . .

Certamente que os nossos camponezes tem sobeja razão em conservarem tenazmente os seus costumes nacionaes, e repellirem as modas ridiculas e sem significação que a sociedade civilisada tem importado de França; porque os habi-

tos e costumes particulares de um povo é que constituem o seu caracter especial.

O viajante estrangeiro, que vier á península e só visitar as suas cidades, bem pôde dizer, retirando-se, que não encontrára nem os portuguezes, nem os hespanhoes, pois vendo o habitante de Lisboa ou de Madrid, julgar-se-há em Paris, Leão ou Marselha; mas se vier ás aldeias, não acontecerá de certo assim, porque n'ellas poderá conhecer e estudar á vontade os habitos e costumes singulares d'este povo ardente, e cheio de imaginação, cujo caracter alegre, vivo e folgasão o torna tão differente do taciturno povo do norte, como é differente o sol que allumia a um e outro.

Confesso que ao ver o prazer o ardor, o entusiasmo, que reinava n'esse arraial; os trajos tão vistosos dos camponezes; a liberdade e franqueza com que um mancebo convidava para cantar ou dansar a uma joven aldeã, que talvez não conhecia, e nem jamais tinha visto, e a promptidão e naturalidade com que esta tão graciosamente accedia áquelle convite; confesso, repito, que os meus instinctos de nascimento, começando a desenvolverem-se, me fizeram quasi abominar estes habitos de conveniencia que a *sociedade civilizada* me imprimiu.

Voltando para casa escrevi os ~~sumos~~ *sumos* com que fecho esta parte dos meus *Apontamentos de viagem*. Offereci-os a um amigo meu de Lisboa, não pelo merecimento d'elles, que não é nenhum absolutamente; mas pela bondade com que o dito amigo acolhe as minhas pobres e mesquinhas producções. Ei-los:

UMA FESTA D'ALDEIA.

Ceguei em dias de festa
À minha aldeia natal;
Quiz logo matar saudades,
Eis-me também no arraial.

Ai scenas da minha infancia!
Recordações do passado!
Tudo a meus olhos revive,
Nada vejo que se mudou!

Da capellinha enfeitada
Campêa o arco na frente:
Festões de murtas orosas,
Tudo como antigamente.

Retumba de vez em quando
 O mui classico morteiro ;
 Rufa o tambôr, e o foguete
 Fende os espaços ligeiro.

Das pipas do *verde* em roda
 Circûla o copo, a canéca,
 E ao som d'alegres cantares
 Casam-se os sons da rabeca:

Os *tremóços*, a *rigueisa*,
 A *melancia*, o *melão*,
 As *sólhas*, os *linguados*,
 Circulam com profusão.

Tudo . . . tudo é como d'antes . . .
 Nem a mais leve mudança . . .
 Que o camponez guarda sempre
 Dos seus antigos a usança:

Que lindo trajar o d'elles,
 Tão pittoresco e tão bello!
 Bem haja o povo, que guarda
 Seus costumes com desvélo!

Como fica bem á moça
 Seu *colletinho* apertado,
Sáia curta e *janotinha*,
Cinto e *chopeo* desabado !

Ao moço —na calça branca—
 Diz bem a *faixa* encarnada ,
Chapéu redondo , a uma banda
 A *vestia* azul debruada.

Ai scenas da minha infancia!
 Recordações do *passado*!
 Tudo a meus olhos revive ,
 Nada vejo aqui mudado!

O canto a dança , as folias . . .
 Por toda a parte a alegria ! . . .
 Ai! não sabeis quanto é bella
 N'aldeia uma romaria!

Vem chegando o povo em grupos . . .
 De cada aldeia vem um . . .
 Sem flauta , rabeca e violla
 Não se apresenta nenhum.

Assim é que a cada instante
 Chama a *atenção* do arraial
 Uma romagem , que chega
 Da visinha aldeia tal

Eis que o povo além se agrupa . . .
 Nova romagem que entrou . . .
 Ouço um canto ao desafio . . .
 Esperem que eu também vou . . .

.....

Que linda moça *serrana* !
 Ai que bella voz que tem! . .
 Vale-a bem o terno amante,
Serrano e guapo tambem.

Que affectuosos requebros !
 Que lindas phrases d'amor! . . .
 São dois pombos namorados,
 Da mocidade na flôr. . .

Mas eis que outro grupo chega
 Das bandas da beira-mar;
 Seu traje gracioso e bello.
 Mostra que é gente d'Ovar. . . .

Quem quizer vér um compendio
 Da belleza feminina,
 Contemple o rosto moreno
 D'uma elegante ovarina.

Que pé pequeno e bem feito!
 Que perna grossa e roliça !
 Que cintura delgadinha !
 Que seios que dão cubiça !

A's mais bellas andaluzas
 Não têm estas que invejar:
 Pois não ha typo mais bello
 Que o das mulheres d'Ovar.

Na presteza do *improviso*¹
 Quem é que as excede: Quem?
 Na dança brilhante e rapida
 Quem as eguála?—Ninguem! . . .

Adeus, *serranos*, té logo:
 Vou-me a vêr estes agora:
 Baní do peito a tristeza,
 Mandei a saudade embora.

Depois de tão longa auzencia,
 Volto á patria, e sou feliz,
 Vendo estas scenas alegres,
 Costumes do meu paiz.

Que vida vac no arraial!
 Que animação! que alegria!
 Ai! não sabeis quanto é bella
 N'aldeia uma romaria!

E embora aqui os romeiros
 Possam contar-se aos milhares,
 Nem mesmo a mais leve rixa
 Vem perturbar seus folgares;

Que aquellas scenas d'outr'ora ,
D'immensa *pancadaria* ,
Já caíram em desuso ,
Já não ha *páio* hoje em dia.

Ai ~~scenas~~ scenas da minha infancia !
Recordações do passado !
Tudo a meus olhos revive ,
Só *isto* vejo mudado.

O ferro-carril , a ~~estrada~~ estrada ,
Mataram esse *costume*.
Com elles veio o progrêso
N'aldeia accender o lume.

A MINHA ALDEIA.

Uma legoa a leste d'Ovar; outra a oeste d'Oliveira d'Azeiteiros, e outra, finalmente, ao sul da villa da Feira, jaz a aldeia de São Vicente de Pereira Juzam, com 260 fogos e uma população de 1:000 habitantes.

Dois pequenos rios, cortando-a de leste a oeste, regam e fertilizam seus campos, que são mui abundantes de cereaes, fructas, legumes e hortaliça, e os densos bosques de pinheiros e carvalhos, que a circumdam de todos os lados, não só constituem uma das suas maiores riquezas, como purificam seus ares, geralmente tidos por mui saudaveis, e a tornam abundantissima de excellentes aguas.

No centro da povoação, e sobre uma eminencia assás pit-

torêscas, eleva-se graciosa e bella a igreja da aldeia, templo simples, mas espaçoso e bem construido, e em cuja elevada torre ha tres sinos e um relógio, que dá horas, meias horas e quartos.

Quanto ás vozes do sino grande, affirmam os habitantes da freguesia que nenhum outro as possue melliores, nem mesmo tão boas, por aquellas redondezas; mas sobre isto têm havido graves disputas entre elles e os habitantes das aldeias visinhas, sem que ainda tenham podido chegar a um acôrdo definitivo. visto que todos querem a gloria para o seu respectivo campanário.

Além da igreja, ha na aldeia tres capellas com as invocações de S. Geraldo, S. Lourenço, e S. José, em cada uma das quaes se faz annualmente uma festa de arraial, que o caminho de ferro, que passa em Ovar, e as excellentes estradas de rodagem, tornam cada vez mais concorridas.

Possue a aldeia uma escola regia de primeiras letras para meninos, e outra particular de primeiras letras e costura para meninas.

No extremo nordeste da freguesia ha excellentes pedreiras de cantaria, egual á de Lisboa, de que resulta haver n'esta e nas visinhas aldeias excellentes pedreiros e canteiros, como tambem habilissimos carpinteiros, alguns dos quaes com noções de desênhos lineares - sendo aqui, por isso, as construcções muito boas e baratas, pois tambem a cal e a têlha são fabricadas em grande escala a uma pequena legoa de distancia.

Divide-se esta freguesia em 16 *logares*, e d'estes o pri-

meiro que se encontra — indo d'Ovar — é o da *Torre*, nome que, segundo a tradição popular, lhe vem de uma torre mourisca, que em remotas éras n'elle existiu, e d'aqual não restam hoje nem vestígios.

Se esta torre éra uma atalaia do famoso castello mourisco da villa da Feira, como se deve suppôr, não podiam os agarêos escolhêr para isso local mais apropriado: pois d'aqui — olhando para leste — domina a vista um espaço de mais de duas legoas até á serra que fórma o lindissimo valle d'Arouca, uma das mais ricas perolas de Portugal; olhando para oeste descobre-se o mar, na distancia de duas legoas, e olhando para o sul ou para o norte, egualmente se domina uma extensão consideravel.

Foi n'este logar que eu nasci e é n'elle que a lapis lanço estes apontamentos na minha carteira, embriagado pelo perfume das flôres, e pelo suave cantar dos passarinhos: pois estou em maio, na florida estação da primavera, na risónha quadra, em que toda a natureza se veste de galas, em que tudo se enfeita, tudo canta, tudo ri, tudo brinca e tudo ama!

Se algumas épocas de felicidade — de verdadeira felicidade — eu tenho tido na minha vida, incontestavelmente é esta uma d'ellas, e tanto mais apreciada, quanto ardentemente desejada durante o longo periodo de 18 annos de exilio!

Esta aldeia, pela qual o viajante passará — sem duvida — distrahido ou indifferente, porque nada aqui encontrará que possa particularmente chamar-lhe a attenção, tem — não obstante — para mim encantos indiziveis.

Quero-lhe muito ; amo-a estremecidamente , e sabeis porque ? Porque foi aqui que eu vim a este mundo —tão cheio de risos e de lagrimas , de ostentação e de miserias , de virtudes e de vicios ; porque foi aqui que eu aprendi , com a santa religião de meus paes , a trilhar sempre o caminho da honra ; porque foram estas casas , estes campos e estas arvores os primeiros objectos que conheci , e seus nomes os primeiros que aprendi a pronunciar .

Amo muito a minha terra , porque os principios de boa moral me ensinam —que o homem que não ama a sua terra , não ama a sua familia , e o que não ama a sua terra nem a sua familia , não póde ser bom esposo nem bom paç , visto que é máo cidadão e máo filho .

Amo-a , finalmente , porque este azulado céu que contemplo é o mesmo que contemplei quando pela primeira vez abri meus olhos á luz do dia ; porque estes ares que respiro são os mesmos que me hafejaram no berço ; porque todos os objectos que me rodeiam me são conhecidos , e todas as vozes que soam aos meus ouvidos são vozes amigas ; porque tenho consciencia de que estou entre os meus , e de que posso partilhar dos seus risos ou das suas lagrimas , dos seus prazeres ou das suas dôres , sem que me venha embargar o passo , ou moderar os impetos do coração , a consideração de que sou estrangeiro .

Sabeis o que é ser estrangeiro ?

É chorar o sol que nos allumiou na infancia ; as arvores que nos deram sombra ; a fonte que nos matou a sede ; as vozes que nos embalaram no berço !

Ser estrangeiro é fazer uma longa visita , —ás vezes eter-

na—em que se é obrigado a estar sempre de pé e com o chapeo na mão: ser estrangeiro, é uma posição, que não pôde ser bem comprehendida por quem nunca saiu da terra em que nascêra.

O rouxinol, que canta no balseiro; a rôla, que geme amorosa no pinhal visinho; a voz do lavrador, que tange os bois no campo —arando a terra— tem para mim encantos, que são totalmente desconhecidos ao que nunca d'aqui saiu, porque esse nunca lhes experimentou a falta; nunca sentiu os espinhos da saudade a trespassar-lhe o coração: nunca chorou —entre um povo estranho e indifferente— a ausencia do torrão natal:

Eis aqui porque eu amo a minha aldeia!

Já vi os jardins da Andaluzia; os declives dos Alpes e dos Pyrinéos; as montanhas da Suissa e da Saboya; os verdejantes campos da Lombardia, as pittorescas margens do Rheno. Já vi tudo isso: já me extasiei diante de todas essas bellezas tão decantadas, e hoje, que de novo me vejo entre os teus pinheirões —minha pobre aldeia— ainda te amo, ainda te quero mais!..

Às vezes saio da minha habitação, e vou andando ao acaso por esses estreitos caminhos da aldeia.. Aqui admiro uma horta ou um pomar; acolá assento-me por alguns momentos sobre um viçoso caramanchão, aspirando os deliciosos perfumes, que, através dos cômoros, exalam a alfazema, o alecrim, o mangericão, a macella, a rosa, e uma multidão de flôres que os aldeões cultivam com esmero, e de que são muito apaixonados; mais adiante atravesso bellos campos, cujas leiras de linho, de trigo, de cen-

teio, de cevada, de aveia, etc, alternando-se do modo mais gracioso, dão aos mesmos campos a bellissima apparencia de um vasto taboleiro de xadrez; e —assim andando— insensivelmente me embrêlho nos pinhães, do que logo me advertem o agradável cheiro da madresilva, do rosmaninho, da giesta, e de milhares de florzinhas e arbustos silvestres de que tão abundantes são os nossos montes.

Assento-me então á beira do caminho, e ahí leve horas esquecidas a pensar n'esta felicidade de que goso, e que ainda me parece um sôho.

O aldeão passa cantarolando, ou assobiando; interrompe-se para me saudar cortezmente, e volta logo a cantarolar ou a assobiar como d'antes —inteiramente indifferente ás bellezas que o rodeiam— e que a natureza só prodigalisa aos paizes abençoados pela mão de Deus. . .

D'onde provém, pois, esta differença de sensações entre mim e o aldeão?

É que aquelle nasceu aqui; aqui tem vivido sempre, e aqui espera morrer; em quanto que eu —pôsto que tambem aqui nascesse— tenho passado por terras alheias a maior parte da minha vida, e ainda hoje não sei se os meus ossos um dia repousarão tranquillos —como os do feliz aldeão— no poetico cemiteriozinho d'aldeia! . .

Ah! quanto mais ditoso é o aldeão do que eu! . . .

Meu Deus! se novo e prolongado exilio me está ainda reservado, consenti ao menos que o meu ultimo suspiro seja exhalado entre os meus na terra em que nasci!

... ..

Acabando de proferir estas palavras, a mais profunda

tristoza se apoderou do meu espirito. Recordei-me com saudades da minha vida de camponéz, tão pobremente vivida, é verdade; tão carênte do que na sociedade polida se chamam commodidades da vida; mas de certo bem mais alegre e divertida e —sobre tudo— bem mais desanuviada dos cuidados e pezares; dos pensamentos tristes ou cogitações melancholicas, que hoje me affligem, sem que eu mesmo —muitas vezes— saiba bem a causa porque. . . Lembrando-me então da bella fabula de *La Fontaine* —*L'homme qui court après la fortune*— escrevi os versos que se seguem, como remate a esta parte dos meus apontamentos:

A FORTUNA.

I

Por corrêr 'traz da fortuna
 Meu lar paterno deixei
 Largos annos de fadigas
 Longe da patria passei;
 Mas a fortuna fugiu-me. . .
 Fortuna não encontrei.

Perdi minha mocidade ,
 Minha saude arruinei;
 Meu vigôr, e minhas forças
 Perdidos por lá deixei ;
 Mas a fortuna fugiu-me . . .
 Fortuna não encontrei.

De voltar ao lar paterno
 Quantas vezes desesperei ! . . .
 Curti amargas saudades ,
 Muitas lagrimas chorei ;
 Mas a fortuna fugiu-me . . .
 Fortuna não encontrei.

Corri terras ; meu espirito
 Desenvolvi , cultivei , ,
 E foi esse , certamente ,
 O maior bem que eu achei ;
 Mas a fortuna fugiu-me . . .
 Fortuna não encontrei.

À custa de mil fadigas
 Um pouco de oiro ajuntei ;
 Pude então voltar á patria—
 Pude voltar— e voltei ;
 Mas a fortuna fugiu-me . . .
 Fortuna não encontrei !

No lar paterno —em delirio—
 Meus velhos paes abraçei :
 Mui grande mercê foi essa
 Que Deus me fez. . . que alcancei ;
 Mas 'inda aqui a fortuna
 Para mim não encontrei.

I I

Onde está , pois , a fortuna ,
 Que sempre a mim se esquivou ?
 Quero saber onde existe
 Que onde existir eu lá vou ;
 Quero ainda perseguil-a ,
 Visto que a paz me roubou !

N'esses palacios dourados
 Açaso a deusa pousou ?
 Conviva dos opulentos ,
 Á méza d'elles se sentou ?
 Ou porventura algum sabio
 As graças lhe captivou ?

Oh , não !—que unisono brado
 Já —negativo— soou ! . . .
 Onde está , pois , a fortuna ?

Onde está , e quem a achou ? . . .
 Ah , já sei , 'stá na simplêsa
 D'esse aldeão que passou !

Foi na choupana d'aldeia
 Que ella um refugio buscou :
 Foi no cantinho do mundo ,
 Em que cada um se creou :
 Foi entre aquelles , que o démo
 Da ambição nunca tentou !

Foi sob o tecto paterno ! . . .
 Meu logar ahi occupou !
 Eu parti a procurál-a ,
 E ella a sorrir-se ficou !
 Quando voltei éra tarde ,
 Mal' que me viu se ausentou !

Desconheceu-me por certo . . .
 Ai , quam mudado que estou ! . . .
 Do camponéz de quinze annos
 Nem um vestigio ficou . . .
 Pelo que *fui* quem me déra
 Trocar o que agora *sou* ! . . .¹

1 A palavra —Fortuna— é empregada n'esta poesia como synonymo de —Felicidade—

ROSITA DO PINHAL.

I

O domingo de Paschoa de 1865 tinha amanhecido lindissimo n'aldeia de S. Vicente de Pereira. O sol brilhava esplendido n'um céu limpido e azulado; os passarinhos cantavam sobre os ramos das arvores que rodeiam a minha habitação; os sinos repicavam alegres e festivos; os aldeões andavam radiantes com os seus fatos domingueiros; e as casas —a começar da porta da entrada— estavam todas juncadas de flôres, murtas e rosmaninho, e preparadas do modo mais decente para receber de tarde a visita do abbade da freguesia, que as vinha benzer, e receber o foliar dos seus parochianos.

No largo, em frente da minha casa, estavam varios grupos de jovens aldeões de ambos os sexos, que tocavam, cantavam, riam, amavam-se e gosavam: e eu observava com o maior prazer todos estes costumes patriarchaes de que o meu longo exilio nunca me pôde fazer esquecer.

De repente soaram no sino grande d'aldeia as badaladas compassadas da chamada para a missa do dia.

« Vamos á missa, » disseram muitas vozes ao mesmo tempo, e n'um momento o largo ficou vazio.

Préparei-me então, e encaminhei-me tambem para a egreja, que fica um pouco distante do meu logar.

Ainda éra cedo quando cheguei, ou por outra, não tinham chegado ainda dois padres, que de uma freguesia proxima haviam de vir ajudar o nosso abbade a cantar a missa.

A maior parte, pois, dos aldeões do sexo masculino esperavam no adro, e se entretinham a conversar sobre as suas sementeiras; sobre as esperanças de uma boa colheita, e sobre muitas outras cousas pertencentes á lavoura.

Á minha chegada interromperam-se para corresponder á minha saudação; mas logo voltaram a occupar-se do mesmo assumpto, ouvindo-os eu com muito prazer, e fazendo-lhes mesmo algumas perguntas tendentes aos objectos de que tratavam.

Esta animada conversação foi de novo interrompida pela chegada de um individuo, que figurava ter muito perto de 70 annos; magro e meio côxo; vestido de calça, colete e niza de panno azul. Trazia na mão um enorme guarda-sol

de panninho côr de rosa, com cabo de metal, e na extremidade do referido cabo uma mãozinha de ôsso.

Logo que entrou no adro descobriu-se, patenteando uma cabeça calva, guarnecida apenas dos lados por umas melênas compridas e grisalhas, que n'outro tempo deviam ter sido ruivas; e começou a fazer medidas á direita e á esquerda com um descommunal chapeo de pello, semelhante a um zabumba.

Este figurão impressionou-me menos pelo seu aspecto ridiculo, do que pelo ar de refinada velliacaria que se lhe notava logo á primeira vista.

A pouca sympathia de que elle gosava entre os aldeões tornou-se bem patente no modo ceremonioso e desusado com que estes responderam aos seus repetidos cumprimentos.

Talvez conscio d'isto, o sujeito encaminhou-se logo para a porta da igreja e entrou, depois de persignar-se e fazer uma profunda reverencia.

Os aldeões olhavam-no de esguêlha, e depois que o viram desaparecer encaráram-se silenciosos e de um modo significativo, como quem acabava de vêr uma ave sinistra e de máo agouro.

—Quem é este individuo? perguntei eu a um lavrador meu conhecido.

—Este é o João do Rabaçal: pois vmc. não o conhece?
—me respondeu aquelle.

—Sim, tenho uma ideia... creio que é um lavrador dos mais abastados da freguezia.

—É, sim, senhor, —acudiu um aldeão que se havia

aproximado ao ouvir a minha pergunta;— mas boas contas dará d'isso a Deus quando morrer.

—Dize antes ao Diabo, — emendaram muitas vozes ao mesmo tempo.

—Já começa a pagar em vida os seus malfícios, — acrescentaram outras.

—O que é certo, —disse gravemente o lavrador a quem me eu havia dirigido, —é que esse tratante de todos é temido; que tem uns bens soberbos; que vende carros e carros de milho todos os annos; que céva bois e porcos como ninguem cá na freguesia; que nunca lhe falta dinheiro, e que anda ali têzo e fêro que nem um pêro, em quanto que das suas victimas apenas resta a Catharina de Cabomonte, que anda a pedir esmóla agarrada a um pão, e a Rosita do Pinhal, essa pobre orphan, que se vê obrigada a trabalhar dia e noite para se vestir e mantêr.

—Deixe estar tio Manuel, —replicou o sujeito que se tinha aproximado, — que tambem lhe hade chëgar a vez d'elle.

Você não vê como elle já anda arrastado e soturno?

—Sim! sim! — disseram todos.

—Bem se vê, — continuou o sujeito —, que é o Diabo que já começa a fazer-lhe fósquinhas. Em lhe elle botando os gatázios é contar logo com o marôto reduzido a um carvão no inferno.

—De certo! de certo! —confirmou todo o auditorio.

A chegada dos padres veiu pôr termo a estes curiosos dialogos, que eu ouyia com algum interesse por começar a entrelembrar-me de ter ouvido em pequeno fallar das espertezas e velhacarias do sujeito de que se tractava.

Os aldeões descobriram-se respeitosamente, cortejando os padres recém-chegados, e entraram após elles na igreja, fazendo eu outro tanto.

Todo o templo rescendia ao arôma das flôres e das murtas, que enchiam os vasos dos altares, e juncavam todo o pavimento da igreja.

Nenhum órgão, ou instrumento qualquer acompanhava as vozes dos padres, e comtudo, a simplicidade do templo; a pobreza dos adornos; e o respeito e devoção, que transpirava de todos os semblantes d'aquelles robustos filhos do campo, tornavam para mim aquelle acto dos mais solemnes a que tenho assistido.

É que a riqueza. o luxo ostentoso dos grandes templos das cidades me parece estar sempre em contradicção com a pobreza e humildade do crucificado..

No meio d'estas minhas reflexões religiosas, muitas vezes me veio perturbar a lembrança do homem da niza, o qual lá estava ajoelhado, rezando alto, batendo no peito, e beijando constrictamente o chão; e eu senti desejos de saber mais pelo miudo a chronica d'este personagem, que tão má impressão causava aos aldeões da freguezia.

Porém terminada a missa, os camponezes despejaram n'um momento a igreja e o adro, sendo-me impossivel collhêr por então qualquer informação a respeito do que desejava saber.

Desci vagarosamente por um estreito caminho lamacento, atravéz das devezas que circumdam a igreja, e segui na direcção da minha casa, pensando, ora no homem da niza, ora na velha que pedia esmola ora, finalmente, n'es-

sa rapariga orphan, a quem chamavam **Dosita do Pinhal**.

As aldeias também têm os seus mysterios, como as cidades, e ás vezes não menos sombrios, e tenebrosos do que os d'estas.

Esse homem, pois, a quem a opinião publica d'aldeia tão energicamente fustigava, por força devia de ter praticado actos, que de nenhum modo se podiam harmonisar com essa contricção e humildade, que ostentava publicamente. Pelo menos eu assim o pensava.

No meio destas reflexões, me veio inesperadamente surprehendêr a saudação affectuosa de uma pobre mulher, que se vangloriava de me ter dado o primeiro leite, e que sempre que commigo se encontrava fazia valer esta circumstancia, aliás muito attendivel para mim.

—Ó tia Maria, —lhe perguntei eu, depois de alguns momentos de conversação—, vmc. póde dar-me algumas informações a respeito do João do Rabaçal?...

—Credo! —exclamou ella, persignando-se—, Santo nome de Jesus! São Vicente! São Aleixo! São Macario! São Lucas! São Mattheus! São Geraldo! eu te esconjuro! para lá, mandado! sóme-te para onde não vejas sol nem lua. para o inferno! para os abysmos profundos, onde só ouças o rangêr dos dentes, e o crepitar das fogueiras!... onde...

—Então que é isso, tia Maria! —atalhei eu,— Vmc. parece que não gosta muito do tal Rabaçal!

—Ó Snr. Joãozinho!.. pois vmc. quer que eu goste de um homem que está por um tris a descambar no inferno em corpo e alma?... credo! cruz, pé de pato! canhoto! porco-sujo!

—De certo muito más acções deve de ter esse homem praticado —lhe tornei eu, fingindo-me surprehendido— para estar assim a batêr ás portas do inferno!

—Ah! meu senhor! —me respondeu ella,— que o diga a Catharina de Cabomonte; que o diga a Rosita do Pinhal; que o diga. .

—Quem é essa Rosita do Pinhal? —atalhei eu.— movido pela sympathia que começava a despertar em mim este doce nome.

—Ai! —me volveu ella,— Rosita do Pinhal é uma pobre menina orphan, que móra no fim d'aldeia, lá bem junto ao pinhal grande, n'uma pobre e miseravel casinha, quasi a cafr. É uma pobre costureirinha, que trabalha noite e dia para se vestir e mantêr. Seus paes tinham uns bens,—pequanos, sim; mas muito bons, e que a poder de trabalho rendiam para elles e a filhinha passarem sem vergonhas do mundo. Tomou-lh'os aquelle malvado, que nunca pôde vêr camisa lavada em corpo alheio. Taes artes empregou, que todos esses bens lhe passaram para as mãos, e os pobresinhos tiveram que vir morar para essa casinha onde, pouco tempo depois, morreram de fome e de desgostos, deixando á filhinha, por unico dote, a sua honra e o seu trabalho.

Bem pequenina, coitada! começou a comer o pão que o dêmo amassou, como lá se diz; mas tão bem se tem ella sabido dirigir que todos lhe dão trabalho, e lhe fazem o bem que pôdem.

Anda sempre muito asseadinha, e é tão galante e bem procedida, que lhe chamam a perola d'aldeia.

—Mas —lhe perguntei— como é que esse homem tomou os bens ao pae d'essa menina?

—Sei lá, meu senhor! São coisas da justiça, ou antes do dêmo, —Deus me perdõe se eu pecco!—

Um das denuncias do Rabaçal contra o pobre homem, attribuido-lhe tomadias em terrêno maninho, foi o que o botou a perdêr.

A Camara veiu ahi com examinadores, juiz eleito, escrivães, e não sei quem mais; e decidiram que não havia tomadia alguma, como de facto assim éra; mas o juiz eleito, que éra um lorpana muito grande, e de mais a mais amigalhaço do Rabaçal, dirigiu n'essa occasião ao pae de Rosita umas palavras muito ásperas a respeito de uns combros, e não sei que outras ninharias. Este que era muito-bom homem por bem; mas muito espinhado por mal, e estando de mais a mais coberto de razão, insultou o juiz de palavras; foi autoado e processado; deixou correr tudo á revelia; o negocio foi para o juiz de direito; este o mandou intimar para se ir defender; elle desobedeceu; novo processo e nova desobediencia; veiu um mandado de prisão; elle escondeu-se; afinal foi descoberto e prêso; entrou na cadeia; gastou muito dinheiro com custas e mais alcavalas; estragaram-se-lhe as sementeiras; perdeu a colheita; e quando saiu solto estava arruinado!

Foi então que o Rabaçal, fingindo-se seu amigo e protector lhe foi offerecer dinheiro a juros, para elle pagar as suas dividas, e remir as suas necessidades: e em tão má hora o pobre homem caiu na esparrélla de aceitar, que dentro de pouco tempo viu passar todos os seus bens para

as mãos d'aquelle tihôso do inferno, que desde muito tempo só escogitava os meios de se apossar d'elles.

—Quanto á Catharina de Cabomonte, —continuou ella, — succedeu o mesmo com pequena differença.

O marido d'ella éra jornaleiro, —e bom trabalhador que elle éra, Deus lhe falle n'alma! — ella assedava linho; fia-va, e tecia para fóra; e nas horas vagas cultivavam ambos a sua curtinha, a sua horta, e o seu pomar; com o producto do seu trabalho, e o rendimento da curtinha viviam como Deus com os anjos; porém esta felicidade não devia durar muito, porque a curtinha éra de boa terra, e o Rabaçal ja lhe andava com os olhos fisgados em cima, e tinha assentado, lá de si para si, que lhes havia de ficar com ella. Assim foi. Não tardou a vir um inverno rigoroso: o marido de Catharina enfermou de uma constipação: Catharina teve que abandonar o seu trabalho para lhe acudir: a molestia prolongou-se: nem um nem outro ganhavam, e a despeza éra grande com tractamento, cirurgião, e botica: gástaram quanto dinheirinho tinham pudido forrar até alli, e ainda não chegou; de sorte que quando o marido de Catharina veio a morrer esta estava empenhada. e nem dinheiro tinha para o entêrro; appareceu então o Rabaçal a offerecer-lh'o sobre a casinha e a curtinha: ella aceitou, e tambem em pouco tempo foi, como o pae de Rosita, pôsta fóra do que éra seu!

—Com effeito —disse eu, fingindo uma indifferença, que estava muito longe de sentir—o homem é realmente máo!

—Máo, senhor Joãozinho! —exclamou ella;— aquillo não é homem: é o proprio Diabo em pessoa!... E olhe

que a mulher e os filhos não lhe ficam a devêr nada!

Aquella gente ~~anda~~ toda excommungada! —aquella casa é um covil de phantasmas e almas do outro mundo... segundo dizem, que eu nunca vi, crêdo!

—Affirma-se, —proseguiu ella,— que esse homem, de combinação com a mulher, dera cabo do sôgro; pois tendo este adoecido, o encerrou n'um quarto, onde acabou seus dias á fome e á sede, e isto para que não derogasse as disposições testamentarias, que havia feito em favôr da mulher d'elle Rabaçal!

Muitas pessoas têm visto a alma d'esse pobre homem vagar de noite em roda da casa do genro, a dar gemidos e ais que cortam o coração; e tambem uns jornaleiros que lá andaram a trabalhar, ouviram uma noite, á hora da ceia, uma voz medônhá, que do fundo da cortinha gritava: «Acudam, acudam aos bois, que se esganam!» Correram todos ao curral dos bois, e viram que elles estavam quasi a esganar-se, e que de facto se esganariam, se tão depressa lhes não cortassem as cordas com que estavam prêsos ás mangedouras!

Tambem se diz que uma noite, já muito tarde, vindo o Rabaçal da feira da *Almieira*, a cavallo, lhe saíra um sujeito áquella congôsta, logo para cá da capellinha de S. Lazaro, e, só com dois dêdos, o atirára com cavalgadura e tudo pela ribanceira abaixo para dentro dos campos, onde no dia seguinte foi topado sem sentidos, andando a cavalgadura a pastar tranquillamente junto d'elle.

Esse sujeito éra a alma do Zé Chêdas homem simplório e golôso, a quem o Rabaçal tambem alapardou um campo

a tróco de uma bagatella que aquelle lhe devia ; pois convidou-o uma noite para sua casa , e depois de lhe dar uma ceia arrojada , e muita vinhaça , deu com elle bebado , e fez-lhe então assignar uma escriptura da venda do campo , que d'antemão tinha prompta , servindo de testemunhas dois miseraveis , que elle tambem tinha apalavrado com antecedencia para esse fim.

—Ah ! snr. Joãozinho ! —concluiu ella ,— se eu fosse a contar-lhe tudo quanto se diz d'esse máo homem , seria um nunca acabar ; mas aqui temos que separar-nos , porque a sua casa é para este lado , e a minha para aquelle . .

Adeus , Snr. Joãozinho ; um dia em que tenha mais vagar lhe contarei tudo pelo miudo , se vnc. o desejar.

—Muito obrigado , tia Maria , quando lhe aprouver , ouvi-a-hei com muito gosto.

No dia seguinte lembrei-me novamente da historia do Rabçal, e tive desejos de ver uma das suas victimas ;— essa pobre creança, chamada Rosita do Pinhal, de quem a minha familia tambem me fallou com muitos louvôres, confirmando a respeito d'ella tudo quanto eu tinha ouvido na vespera.

Sai portanto depois do jantar em direcção aos pinhães, que éra o meu passeio favorito, pelo muito que me apraz o ruido agradavel, se bem que triste e melancolico, que produz o vento sibilando por entre os ramos dos pinheiros—d'esses gigantes das florestas.

A solidão que ahi reinava favorecia-me admiravelmente para entrar em casa da orphan sem ser visto.

Para lá, pois, me encaminhei, procurando o fundo da casa, que éra justamente a parte que olhava para o pinhal,

e em poucos momentos me achei em frente d'essa pobre habitação, contigua á qual, e a ella pertencente, ha uma pequenina curtinha, que pouco mais terá de 20 braças de comprido por outras tantas de largo, e é separada do pinhal apenas por um cômodo de silvas, que facilmente se póde transpôr.

Galguei esse cômodo sem fazer ruido, e ainda não tinha dado o primeiro passo na direcção da casa, quando de lá me soou aos ouvidos uma voz dulcissima, que, n'uma toada mui triste e melancholica, cantava assim :

CANÇÃO DE ROSITA.

Eu sou muito pobresinha,
 Pois nada tenho de meu;
 Mas a sorte não maldigo,
 Que é sina que Deus me deu.

Inda na quadra da infancia
 Perdi meu pae, minha mãe;
 Fiquei no mundo sosinha,
 Sem me restar mais ninguem:

Pois dos parentes que eu tinha
 Nenhum fez caso de mim!
 Pobreza não é vileza;
 Mas este mundo é assim!

Trabalho mais do que posso
 P'ra me vestir e mantêr;
 E ás vezes tudo me falta:
 Mas Deus é pae... Que fazer?!

Em noites tempestuosas,
 Ai! de terrôr estremêgo!
 Porém réso á Virgem Santa,
 E logo após adormêgo.

Desoito annos apenas
 Conto agora de existencia:
 O que eu já teph soffrido
 Só Deus o sabe... Paciencia!

Dizem que sou bem formosa...
 Que m'importa a formosura?
 N'este mundo quem é pobre
 Debalde busca a ventura!

E comtudo —amôr ardente
 Me abraza o peito tambem;
 Triste amôr . que occulto vive,
 Que eu não revêlo a ninguem!

Ai! ser pobre é muito triste!
 Ser orphan é mais ainda!
 É como as trevas espessas
 De noite que nunca finda!

Às vezes tenho vontade,
 Só vontade de chorar;
 Mas consola-me a lembrança
 Que isto um dia had'ucabar.

Ó minha mãe, não te afflijas,
 Não chóres pôr 'môr de mim!
 Que as penas cá n'este mundo
 Co'a morte acabam por fim.

Éra ella —a pobre Rosita do Pinhal!

Maquinalmente me fui aproximando até um lugar d'onde a pude vêr á vontade sem ser presentido.

Ella cósia sentada n'uma esteira, n'um terreirozinho por detrás da sua pobre habitação. Uma macieira grande, collocada n'uma das extremidades da casa, e uma pereira na outra, serviam de limites ao mesquinho terreiro, e debruçavam seus ramos sobre o tecto da casinha, como que para abrigal-a contra os rigôres do tempo. Este misero albergue não tinha mais de 15 palmos d'altura do chão ao telhado, e a respeitavel antiguidade da sua construcção era assás attestada pelas têlhas, inteiramente negras do fumo da cozinha, e pelas parêdes, que sendo construidas de

pedra molar, apenas ligada a barro; já em diversas partes começavam a desfazer-se. A vista de tão humilde habitação, fez-me lembrar d'aquella em que nasci e fui creado, a qual ainda tive o prazer de encontrar em pé, pôsto que meio abandonada junto de uma casa nova e decente, cuja construcção a fortuna permittiu mais tarde que meus paes pudessem levar a effeito!...

Junto de um pequeno muro, que dava para o caminho, havia um jardimzinho, compôsto de roseiras, craveiros, alecrim, mangericão, perpetuas, amôres perfeitos, etc., e o resto da acanhada curtinha estava occupado por uma hortazinha, e varias arvores fructíferas.

Mal Rosita havia terminado esta melancholica toada, que tão appropriatedamente exprimia a sua situação, ouviu-se no caminho o rodar de um carro de bois, e logo uma voz d'aldeão, cantando o seguinte:

Meu anjo, não tenhas medo;
 Nada receies, donzella;
 Que a mão de Deus te protêge,
 E o meu amor por ti véla.

Rosita levantou-se rapidamente; pegou em uma enfusa d'agua, e um ramo de gilbarbeira, e dirigiu-se para o jardimzinho; olhou com disfarce por cima do muro para o caminho, e começou a regar os vasos de flôres, fingindo um ar distraído. O carro parou d'abi, a momentos em frente d'esse logar e, pôsto que eu não visse o aldeão, ouvi distinctamente o seguinte dialogo:

—Boas târdes, Rosita.

—Boas tardes, Francisco.

Então estás a regar as tuas flôres?

É verdade. Já não chove ha muitos dias, e eu sentiria muito que as pobresinhas morressem á sêde; pois são a minha unica distracção, e. i. eu gôsto tanto das flôres!

—Tens um bom coração, Rosita... O teu mangericão está muito lindo e viçoso. Eu sou muito apaixonado do cheiro do mangericão.

—Sim? pois olha se queres um galhinho, eu t'o offereço de muito boa vontade.

—Acceito com muito gôsto, Rosita e conserval-o-hei sempre como uma lembrança muito agradável para mim... Basta ter-me vindo da tua mão.

—Oh! é uma cousa tão insignificante... e —dizendo isto— Rosita cortou um grande galho de mangericão, e o deu ao aldeão, com um gracioso sorriso.

Este agradeceu, e, passado um momento, perguntou com voz um tanto tremula.

—Minha irman já fallou comtigo?

—Já,—lhe respondeu Rosita, baixando os olhos tristemente.

Fizeram então uma pausa, e o aldeão foi quem primeiro quebrou o silencio, dizendo:

—Não te desconsólos por isso, Rosita, deixa ficar o negocio por minha conta, que, mais tarde ou mais cedo,—eu t'o asseguro,—ou heide obter o consentimento de meus paes, ou heide mudar de terra.

—Deus queira que sejas feliz —respondeu esta melancolicamente.

O aldeão, depois de nova pausa, disse-lhe adeus, e, tangendo os bois, retirou-se, repetindo a cantiga que acima copiei.

Rosita acompanhou-o por alguns momentos com a vista, e depois veiu retomar a sua costura, triste e pensativa.

Aproximei-me então d'ella, e pude contemplal-a de bem perto, sem que a pobre orphan dêsse pela minha presença, tão absorvida estava em suas meditações.

A impressão que esta encantadôra creatura me causou n'aquelle momento jamais se riscará do meu coração..

Seu vestuario éra uma sãia de serguilha urdida em fios brancos, e tecida com fios azues e encarnados.

Éra tão curta, que deixava vêr até meio umas pernas núas, tão bem feitas e torneadas, que podiam servir de modelo ao mais escrupuloso estatuário. Os pés egualmente nús, éram admiraveis de perfeição e delicadeza.

Apertava-lhe a graciosa cintura um colletinho de velludilho azul com flôres miudinhas, e sobre o pescoço tinha um lenço encarnado, cujas pontas, cruzando-se no peito, iam metter-se —uma de cada lado— entre a camisa e o collete, abafando a custo uns seios alterosos, que pareciam desafiar os mais lascivos desejos. Outro lenço igual, pôsto na cabeça, de balde tentava comprimir as longas madeixas do seu cabello negro e lustroso, o qual—de basto e abundante que era— se escapava a cada momento do leve involtorio. As duas pontas d'este lenço, atadas no pescoço, abri-

gavam as faces do rosto mais encantador, que a imaginação de um poeta possa conceber.

Eis os seus traços principaes :

Côr levemente morêna ; faces de um suave rosado que mais lhe realça a tez fina e mimosa ; olhos negros e rasgados ; sobrancéllhas espéssas e graciosamente arqueadas , bocca um primôr !.

Contemplando-a , lembrei-me muitas vezes da pobre filha do pescador de Napoles —a Graziella de Lamartine.—

Rosita não é de certo menos formosa !

Depois de a ter admirado por muito tempo , chamei-a docemente pelo seu gracioso nome de Rosita.

Foi tal o sobresalto da joven aldean —ouvindo uma voz estranha— que se levantou de um pulo , e o seu primeiro intuito foi fugir.

Apressei-me , porém , a dizer-lhe com brandura :

—Não fujas , Rosita ; não te assustes com a minha presença , que eu não venho fazer-te mal algum.

Rosita , encarando então commigo , tornou-se muito corada , e balbuciou estas palavras :

—Ah , desculpe-me . . . ao ouvir uma voz estranha e inesperada , julguei que fosse outra pessoa. Agora já não tenho o menor receio , porque o conheço ; pois o vi hontem á missa do dia , e me disseram quem éra.

—Sua familia , —acrescentou ella indicando-me um banquinho , em que me assentei , e fazendo ella outro tanto na esteira . . .—sua familia é uma das que mais me têm obzequiado . . . ah , devo-lhe muitas obrigações , muitas !. o snr. desculpa-me sim ? . . .

—Pois não, Rosita! com muito gosto!—lhe tornei eu:—
O teu sobresalto foi tão natural, quanto casual e inesperada
a minha vinda aqui.

Tambem hontem me contaram a tua historia, e me mos-
traram a tua casa. Nasceu-me logo o desejo de te conhe-
cer, e aguardava ancioso que para isso se offerecesse uma
ocasião opportuna.

Andando agora a vêr uns pinháes, que desejo comprar
—aqui nos fundos da tua casa—, os sons da tua melodiosa
voz me fizeram conhecer que era chegada essa occasião.
Saltei pois o cômodo; mas tive que me occultar alli por
de traz d'aquella lorangeira para não interrompêr a tua con-
versaçãõ com esse aldeão que passou.

Rosita córou, e, baixando os olhos, balbuciou:

—Ah, é um joven aqui do logar proximo, a quem sou
devedora de serviços bem importantes...

Assim parece, —lhe respondi,— pelo gracioso acolhi-
mento que lhe fizeste.

—Simplesmente por gratidão,—atalhou ella muito emba-
raçada.

Acredito, —lhe tornei;— mas ainda quando fosse por
outro sentimento, que não simplesmente gratidão, não te-
nho eu o direito de t'o perguntar, e muito menos de te
tomar contas d'isso. O que unicamente desejo é provar-te
que me interesse por ti, e que podes por tanto ser franca
commigo, sem recciares que d'isso te resulte o menor
compromettimento...

Por exemplo —acrescentei, sorrindo— se me disses-
ses que amavas a esse joven aldeão, eu longe de estranhar

um sentimento tão natural, procuraria —ao contrario— prestar-te os serviços que estivessem ao meu alcance, uma vez que elle seja digno de ti.

—Agradeço-lhe muito —me disse ella, cada vez mais embaraçada— o interesse que por mim toma; mas... entre mim e esse bravo rapaz, acredite; não existe nada do que vnc. suspeita.

—Eu nada suspeito, Rosita; apresento apenas uma hypothese; que podia dar-se bem naturalmentê. O que havia de extraordinario que tu o amasses e elle a ti?...

—Ah, quanto a isso, bem sei que não éra cousa que pudesse ser estranhada, ou causar admiração; mas... —acrescentou ella, suspirando,— Quem faz caso da pobre orphan?—

—Rosita —lhe repliquei— não quero devassar os teus segredos. Vejo que não queres ser franca para commigo; que não acreditas no interesse que por ti tómo; e por tanto, nem mais uma palavra te direi a semelhante respeito.

Rosita baixou os olhos, e, depois de um momento de silencio, durante o qual parecia reflectir profundamente sobre a resolução que devia tomar, fixou em mim um olhar tranquillo e serêno, e me disse:

—Pois bem;— já que vnc. se mostra tão bom para commigo, vou dizer-lhe com toda a franquesa tudo quanto ha entre mim, e esse joven aldeão. Depois d'esta confissão sincêra, vnc. concordará que se não tenho sido até agora inteiramente franca comsigo, também não lhe tenho occultado inteiramente a verdade.

—Como já lhe contaram a minha historia, —começou ella a conhecer vnc. a origem da minha infelicidade.

Pois bem ; assim como o Rabaçal foi o algoz de meus paes ; assim tambem um filho d'elle o pretendia ser meu. Contando com a impunidade, por me vér desamparada e só no mundo, entrou por toda a parte a perseguir-me e a requestrar-me, chegando a ter a audácia de me fazer propostas indignas.

Tractei-o como me cumpria, e elle ameaçou-me de se vingar de mim na primeira occasião azada que se lhe depa-
rasse .

Como, em razão do meu mister de costureira, eu ando quasi constantemente ao jornal por casa dos lavradores, esta ameaça aterrou-me, porque, em verdade, se me elle quizesse fazer qualquer violencia, quem me valeria? . . .

Comecei a vir para casa mais cedo, pretextando para isso qualquer motivo, e logo que me recolhia, fechava cautelosamente a porta, e me apegava com Deus e com a Virgem-Maria, como meus unicos protectôres n'este mundo.

Assim se passou algum tempo sem que me acontecêsse, cousa alguma de modo que os meus receios começaram a desvanecer-se, até que de todo me esqueci da ameaça, e deixei de continuar a tomar precauções.

D'ahi a muito tempo tive um chamado para *Pintim*. Aceitei por ser obra grande e bom jornal ; mas como éra mais longe ; e o caminho todo cercado de pinheiraes, eu saía sempre de lá ao sol pôsto para chegar aqui ás Avemarias. No ultimo dia, porém, tive que me demorar mais para concluir a obra, de sorte que parti de *Pintim* já de

noite. Apesar de estar o céu bastante estrellado, na estrada não penetrava a menor claridade por causa dos pinheiros que a ensombram, e áquella hora não era facil toparse por alli carreiro, ou qualquer outra pessoa, por não ser occasião de trafico para Ovar, ou para o *Pucadouro*. Começou então o mêdo a apoderar-se de mim, e ao lembrar-me da ameaça do meu perseguidor as carnes me tremiam, e os cabellos se me erriçavam. Eu já não corria;—voava!

Chegando á encruzilhada da *Quinta do Rego*, começou-me a faltar a respiração; mas eu corria. . . ou antes, voava sempre, afim de passar depressa esse logar solitario e medôho. Ao saltar o regato, fiquei mais morta do que viva; pois me pareceu sentir rumôr dentro do matto que fica do lado de cá. Calcule, porém, como não ficaria quando d'ahi me saltou um homem, que se lançou a mim, exclamando: « Eu não te disse que me havia de vingar?! »

Éra o miseravel!

Vendo-me em tamanho perigo, recobrei n'um momento toda a minha coragem. Luctei, gritei, fiz, emfim, quanto pude para me livrar do infame; mas debalde! Ninguem me ouvia! ninguem me acudia.

Perdidas todas as minhas forças, eu ia succumbir inteiramente, quando um braço robusto, passando por cima da minha cabeça, foi desfechar na cara do miseravel o mais tremendo murro que pulso de homem tenha dado.

Immediatamente fui solta, e o covarde salvou-se a bom fugir, não sem levar ainda alguns murros formidaveis.

O sujeito, que tão galhardamente me salvou das mãos do meu verdugo.

—Era o aldeão, esse Francisco de quem estavamos tratando,— atalhei eu.

—Sim, —me respondeu Rosita, — era elle mesmo, porque, depois de haver praticado n'um abrir e fechar d'olhos quanto acabo de contar-lhe, voltou-se para mim, e me disse baixinho :

« Vae, Rosita, vae para tua casa, e não tenhas o menor receio, porque eu te irei acompanhando por dentro do matto, e não te abandonarei. —fica certa d'isso, — em quanto não estiveres inteiramente a salvo.

Foi então que o reconheci, porque até ahí elle não havia proferido uma unica palavra.

—Bravo rapaz! exclamei eu;— só por isso já eu o'estimo, e desejo conhecer!

Rosita sorriu-se, e continuou :

—Entrei em casa morta de susto e de fadiga; fechei a porta e deitei-me; mas debalde procurei adormecêr. A scena, pela qual eu acabava de passar, havia sido demasiado violenta para que o somno m'a pudesse fazer esquecer tão depressa.

A cada momento me parecia que ia vêr a porta saltar dos gonzos para dar entrada ao meu perseguidor . .

Foi no meio d'estes sobresaltos que ouvi lá fóra uma voz doce e conhecida cantar assim :

Meu anjo, não tenhas medo;
Nada receies donzella,

Que a mão de Deus te protège,
E o meu amor por ti vela.

—Éra ainda o Francisco, —lhe disse eu;— pois ha pouco lhe ouvi essa mesma cantiga.

—É verdade, ainda éra elle, que, qual anjo da minha guarda, velava por mim, e me dirigia palavras de animação.

Desde então nunca mais fui perseguida, e bem vê que tenho boas razões para ser muito grata a esse joven.

—De certo, —lhe respondi.

—Elle entretanto —continuou ella,— nunca me fallou d'isto, e sempre se dirigiu a mim em términos os mais respeitosos.

—Perfeitamenté!—atalhei eu,—é assim que se manifesta o verdadeiro amor... pelo respeito, pela dedicação, e pelo desinteresse.

—Ha dias, porém, —acrescentou Rosita,— animou-se, bem que com muito embaraço e acanhamento, a fazer-me uma declaração do seu amor. Não pude occultar-lhe o prazer que tal declaração me causou, e nem tão pouco o affecto que elle desde muito tempo me inspirava. Francisco ficou louco de alegria, e retirou-se, promettendo-me obter o consentimento dos paes para o nosso casamento.

Éra, porem, d'ahi que eu tudo receiava, e infelizmente não me enganei; pois a irman de Francisco aqui veiu esta manhan dizer-me que elles não consentiam, não tendo o pobre rapaz animo para me fazer tal communicação.

Veja agora se pôde haver alguem mais desgraçado do que

eu! E, dizendo isto, a pobre Rosita chorava e soluçava angustiosamente.

—Mas porquê razão os paes de Francisco não consentem?—lhe perguntei eu, depois de a ter deixado por alguns momentos desabafar em lagrimas a sua dôr.

A razão, —me respondeu ella enxugando os olhos,— é porque elles têm alguma cousa, e eu nada tenho.

—Comprehendo; —lhe volvi,— e a sós commigo fiz então bem amargas reflexões sobre as cousas d'este mundo...

Rosita, vendo-me silencioso e triste, me disse com um sorriso adoravel e todo cheio de resignação :

—Mas. . parece que a minha narração lhe causou tristeza!

Oh! não se mortifique por isso! Eu ja estou tão acostumada a soffrêr, que não ha contrariedade, por maior que seja, que eu não receba com resignação. Não fallemos mais d'isto; não vale a pena que se moleste com cousas que me dizem respeito.

—Dize-me, Rosita, —lhe tornei;— que havêres têm os paes de Francisco?

—Uns bemzinhos muito pequenos; mas como devem trezentos mil reis, de que estão pagando juros, desejam que o filho case com uma rapariga que leve ao menos este dote para elles se desembaraçarem d'essa divida. Ah! se eu tivesse aquella quantia nenhuma resistencia opporiam ao casamento de Francisco commigo! . .

Veja o que é a gente ser tão pobre! . . E dizendo isto, Rosita fitou em mim os seus grandes olhos com uma expressão tão doce e melancolica, que jámais se me risçará da memoria.

Que encantadora creatura !

Não lhe respondi logô, porque o meu coração luctava n'aquelle momento entre dois sentimentos bem'opostos.

A lucta foi forte e violenta; mas durou apenas um instante, e terminou pelo triumpho da razão.

Submettido e resignado, me disse então o coração :

« Esta pobre gente d'aldeia contenta-se com tão pouco ! e é tão bonito praticar-se uma boa acção!... »

—Rosita, —lhe disse eu, levantando-me;— descança, que os paes de Francisco hão de consentir.

Ella sorriu-se tristemente, sacudindo a cabeça como quem não acreditava; e vendo que eu me dispunha a partir, correu ao seu pequeno jardim, e trouxe um ramalhetinho de escolhidas flôres, que me entregou, dizendo :

—Acceite isto como uma lembrança de quem nada mais tem para lhe dar.

Acceitei com o maior prazer aquellas flôres, e ainda hoje as conservo e conservarei até que pelo tempo sejam reduzidas a pó.

Chegando a casa, disse algumas palavras a uma pessoa da minha familia, relativas ao que entre mim e Rosita se tinha passado, e no dia immediato segui para Lisboa, d'on-de mais tarde parti de novo no intuito de visitar a varios paizes da Europa.

Estando pois, uma tarde sentado á sombra de uma das frondosas arvores que bordam o cães de Rotterdam, o meu *ciceroni* me entregou uma volumosa carta, cujo sobrescripto trazia o sinete de um amigo meu de Paris. Rasguei o *enveloppe*, e deparei com outro subscripto, e o sine-

te do meu correspondente de Lisboa. Eram cartas do Maranhão e de Portugal e entre estas ultimas uma da minha familia, que me communicava o casamento de Rosita com Francisco...

Esta noticia não devia surprehender-me, e, todavia, causou-me um abalo bem profundo!...

III

D'ahi a alguns mezes estava eu de volta na minha aldeia, disposto a estabelecêr alli a minha residencia por muito tempo.

Soube que Rosita éra muito feliz no seu novo estado.

Desejei vê-la, e fui immediatamente procurá-la para esse fim.

Éra n'um sabbado— vespera de S. Payo da Torreira, uma das romarias mais concurridas de Portugal.

Rosita tinha ido para lá com o marido.

Deliberei-me pois a ir tambem, e parti no domingo de manhan.

Mais de 20 mil pessoas circulavam em tórno da capellinha, no extenso areal em que jaz situada, entre o Oceano-atlantico e a formozissima ria d'Ovar, pela qual se vac para alli embarcado.

Centenas de barcos sulcavam a ria , galhardamente embandeirados.

Nada mais bello nem mais pittoresco do que o arraial visto d'alli !

Nada mais bello nem mais pittoresco do que a ria e as margens oppostas, vistas do arraial !

As dansas nacionaes; os cantos ao desafio; os ditos pilhéricos ou picantes, e uma alegria expansiva, que parece transluzir de todos os semblantes, eis os principaes caracteristicos d'estas festas aldeans, de que eu nunca na minha vida deixarei de gostar.

Saltei na praia entre milhares de romeiros, e fui subindo em direcção á capella.

A cada passo deparava com uma agglomeração de aldeões em volta de uma *feira*; apreciando uma dansa, ou um canto ao desafio.

Aproximei-me de um grupo mais numeroso.

Dansava-se alli a *Cana-vêrde*; ao som de instrumentos soffriavelmente afinados e tangidos, e o certame poético era briosamente sustentado por dois jovens namorados.

Cheguei a tempo de ouvir-lhes o seguinte:

ELLE.

Eu heide ir ao teu jardim
Se encontrar a porta aberta,
Que a rosa d'Alexandria
Onde está logo penetra.

ELLA.

Se fôres ao meu jardim ,
 Não toques pela açucêna ,
 Que ella é muito melindrosa ,
 Qualquer cousa lhe dá péna.

ELLE.

Das flôres do teu jardim
 A melhor é margarida ;
 A todas eu quero bem
 Mas por ella eu dou a vida.

Um berreiro infernal de romeiros recém-chegados e conhecidos dos da *festa*, pôz térmo a esta, com grande pezar para mim, que nem pude assim ouvir a resposta da rapariga, nem apreciar por mais tempo tão promettedôr desafio.

Direi comtudo —em abôno da joven aldean, e tambem por descargo de consciencia, no caso de que estes rabiscos cheguem um dia a vêr a luz da publicidade — que não promettia•ella ser inferior ao seu contendôr e nem mostrava geitos de lhe cedêr facilmente a palma da victoria.

Possuia além d'isso uma voz frêscã, melodiosa e extremamente agradável, e ninguem de certo cantaria com mais graça o —*li e ó ai*— que precede a repetição das cantigas na *Cana-vêrde*.

Éra o nome da rapariga.

N'um outro grupo cantava uma rapariga a um rapaz :

Meu amôr se ouvires cair
 No teu telhado pinguinhas ,
 Dôe-te da tua consciencia ,
 Que' isso são lagrimas minuias.

Elle respondeu-lhe :

Se as lagrimas fossem pedras ,
 Que eu por ti tenho chorado ,
 Eu formaria um castello
 Nas praias do mar sagrado.

Tamanha quantidade de lagrimas parecem-me por demais
 hyperbólica . . .

Passei adiante, para evitar o enternecimento que esteve
 a pontos de me causar aquelle diluvio de pranto, e fui ou-
 vir uma joven morena, que, com voz a mais terna e na-
 morada do mundo, cantava o seguinte a um rapaz, que
 era de certo digno dos olhares apaixonados com que ella
 o contemplava :

Tenho dentro do meu peito
 Um suspiro por abrir.
 Ninguem sabe o meu destino,
 Nem o que eu heide seguir.

Dispunha-me a tomar nota d'esta quadra tão sentimental

quando senti alguém agarrar-me pelas pernas e estendêr-me no meio da areia.

Levantei-me rapidamente, e vi que tinha sido uma reforçada cachopa, a qual ria por detrás de mim a bandeiras despregadas.

Corri atrás d'ella para lhe fazer o mesmo; mas a gordanchuda aldean, quando viu que éra impossivel escapar-me, tomou a deliberação de se assentar, e não me deixou tomar a desforra d'aquella brincadeira—alô muito usada, e de resto inteiramente innocente e inoffensiva; pois sendo a areia muito solta e enxuta, os que cáem nem se sujaram nem se magôam.

N'essa occasião passou por mim um aldeão, que se divertia sosinho, tocando viola e cantando.

...Ouvi-lhe isto:

Entre o calor e o frio
Se gêra a pedra do raio.
Quem me dêra ter a força
Que tem o trovão em maio!

Era de certo algum valentão, que pretendia—mais tarde—levar todo o arraial a páo!

Um barqueiro de cinto vermelho e longa carapuça encarnada, vêndo a pressa com que aquelle sujeito se dirigia para o logar do embarque, e —provavelmente— não lhe tendo também escapado o desarranjo em que as successivas libações feitas em honra do deus Baccho, lhe haviam

pôsto a cabeça, saiu-lhe ao encontro, e —no mesmo tom em que elle tocava—cantou-lhe assim :

Ó meu *amór* não te embarques ,
Olha que o mar préga peças ;
Eu ia para embarcar-me ,
E achei o mar ás avéssas.

As mais estrondosas gargalhadas rebentaram de todos os lados applaudindo esta chistosa quadra; mas o sujeito da viola não se deu por escandalisado. Ao contrario, concertou a goélla, e replicou. Infelizmente não pude ouvir o que disse, e o sinto bastante, porque não podia deixar de ser cousa curiosa.

A rapariga, aproveitando-se d'este incidente, levantou-se surrateiramente; atirou-me um galhó de mangericão, e lançou-se a corrêr e a rir da maneira mais desafogada.

Continuei a seguir na direcção da capella, no intuito de encontrar Rosita, e de todos os lados soavam aos meus ouvidos os descantes aldeões.

Aqui era uma rapariga que —na toada melodiosa e monótona da *Remaldeira*— cantava suavemente :

N'este mundo eu vivo só ,
Sosinha sem ter ninguem !
Meu coração infeliz
Vivendo só, vive bem !

A que respondia enternecido um rapaz de bom coração :

Meu amor , se tendes penas ,
 Communicáe-as commigo ,
 Que as penas communicadas
 Tambem pôdem ter alivio.

Alli éra uma outra , que —n'uma toada mais alegre— e
 sorrindo maliciosamente , assim dizia :

Não ha gôsto sem desgôsto ,
 Nem liberdade segura ,
 Nem homem que dê bom pago ,
 Se não algum porventura.

Sátyra esta , que recebeu logo resposta cabal: mas da
 qual me não recôrdo.

Acolá cantava uma infeliz amante :

Héide me ir botar ao mar .
 Em logar em que me afogue ;
 Já que me tu não lograste ,
 Não quoro que outro me logre.

O objecto de tamanha dedicação da parte da joven alde-
 an , respondeu-lhe do seguinte módo :

Se o mar engulir teu corpo ,
 Fica tu certa—meu bem—
 Que o meu furtarei á terra ,
 Para o dar ao mar tambem.

Mais adiante topei uma bella rapariga, cujo amante, estava ausente, a qual pedia noticias d'elle á Senhora da Boa-nova, do modo seguinte:

Senhora da Boa-nova,
D'aldeia de S. Vicente,
Dê-me novas do meu bem,
Que ha tanto tempo anda ausente.

Em tom não menos sentido, invocava os ares da terra natal um moço de servir, natural do Minho, n'estes termos:

Ó ares da minha terra,
Vinde agora aqui buscar-me,
Que os ares da terra alheia
Juraram que hão de matar-me!

No centro do arraial deparci com um sujeito, escarranchado sobre uma pipa de vinho, cujos vapores —penetrando-lhe na cabeça em demasiada quantidade— o tinham induzido, contra a regra quasi geral, a pensar só em cousas tristes.

Quando passei cantava elle:

Tres dias antes que eu mórra
Heide ir visitar o adro;
Quero ver este meu corpo
Onde hade ser enterrado.

Não longe d'alli, dizia ainda uma rapariga a um rapaz natural de Braga, o qual lhe pedira que lhe enviasse para lá um suspiro :

D'aqui a Braga é mui longe
 Não chegam lá meus suspiros,
 E se acaso lá chegarem
 Irão mais mortos que vivos.

Aquelle lastimando-se de viver tão longe d'ella declarou que não cessaria jamais de chorar tão cruel ausencia, ao que a rapariga replicou no mesmo tom zombeteiro e satyrico :

Heide por ti chorar tanto,
 Que se possa lavar roupa :
 Ai, amor deste meu peito
 Estás n'uma terra e eu n'outra !

Seria um nunca acabar se eu quizesse fazer menção da infinidade de vozes masculinas e femininas, que partiam de todos os ângulos do arraial ; assim como da variedade de assumptos, que serviam de thêma aos descantes do povo aldeão mais alegre do mundo.

Limitando-me pois ao que deixo apontado, passarei a tractar do objecto que me fez tambem ser romeiro n'aquelle festivo arraial.

Em busca de Rosita, mas debalde procurando-a com os olhos por toda a parte, achei-me insensivelmente em frente da porta da capella.

Entrei , e olhei para todos os lados ; mas ainda sem melhor resultado. Sai então disposto a procurá-la novamente por todo o arraial , e —justamente quando me dirigia para o lado occidental da capella ,— eis que ouço o meu nome , agradavelmente pronunciado por uma voz frêscã e melodiosa.

Voltei-me , e era ella . . . a meiga , a bella Rosita— cheia de graças e de êncantos , como no primeiro dia em que a vi !

A unica differença que agora se lhe notava éra ser mais alegre e jovial , e tambem estar mais enfeitada e garrida.

É indizível o prazer que experimentei , tornando a vêr tão angélica creatura !

Apertei-lhe a mão com tanto affecto , e comecei a fallar-lhe com tanto ardor , que bem podia involuntariamente compromettê-la , motivando suspeitas ao marido , se ella —pôsto que ingenuamente e sem a menor intenção— me não atalhasse , apresentando-m'o.

Só então realmente é que eu cai em mim , e tractei de reprimir-me.

Mas —para que negal-o ?—aquella apresentação , fazendo-me abafar mais uma vez os sentimentos do meu coração , causou-me um desgôsto tão profundo , que quasi que cheguei a odiar o pobre aldeão ! . . .

De resto , é elle um bello rapaz , de physionomia franca e agradável , e dotado de excellentes qualidades , parecêndo amar tanto Rosita , quanto esta adorá-o.

Mas éra justamenté por isso que eu de bom grado dispensaria n'aquelle momento a sua presença alli.

Depois de me dirigir os mais cordeaes agradecimentos

pelos benefícios, que de mim havia recebido, começou a bella costureira a fallar-me da sua felicidade; dos seus arranjos domésticos; dos seus futuros projectos, e de uma infinidade de outras cousas, que não só me seriam totalmente indifferentes, como até me enfastiariam de véras, se não disséssem respeito áquella, que tão vivo interêsse me inspirava.

Depois entrou a enumerar as boas qualidades do marido: o desvelo com que a tractava; o acérto com que dirigia a sua pequena lavoura; os encómios que todos os visinhos lhe prodigalisavam, e outras mil cousas que —desta vez— sensivelmente me mortificavam; pois ao dizer isto. Rosita parecia louca de alegria e prodigalisava tantos carinhos e afagos ao marido, que —máo grado meu— não me foi possível por mais tempo conservar a minha apparente impassibilidade.

A minha perturbação não podia deixar de têr-se tornado bem visível, e as minhas respostas vagas e desconnexas só podiam passar desaperebidas aos dois jovens aldeões, ou por muita ingenuidade, ou por muito embebecimento amoroso d'elles.

Compreendi então que não podia, nem devia testemunhar por mais tempo uma felicidade, para a qual eu proprio havia concorrido; mas que agora —cedendo a um sentimento de fraqueza, innato ao coração humano— não podia vêr sem ciume e sem inveja...

Pretextando pois um motivo fútil, despedi-me d'ahi a pouco d'aquelle par ditoso, e retirei-me do arraial. tão descontente de lá ter ido, quanto aborrecido de mim mesmo.

Chegando a casa, procurei distrahir-me, escrevêndo qual-quer cousa. Achava-me porem n'um estado tão anormal que não podia ligar duas ideias.

Eis o que saiu:

NO ARRAIAL.

Era em S. Payo. Os romceiros
Ferviam no arraial . . .
Como são bellas—d'aldeia—
As festas em Portugal! ? . . .

Ao som d'alegres cantares,
Rolava a classica dansa . . .
Éra um delirio completo
De prazér e de folgança!

E eu ia de grupo em grupo
Ouvir suáves canções,
E a miuh'alma transbordava
De gratas recordações!

E ella tambem lá 'stava . . .
 A bella . . . a meiga Rosita!
 E ao passar diziam todos:
 —Jesus!— que môça bonita!

E ella ao ver-me —como louca—
 Veiu a correr para mim ,
 E ao noivo —que era a seu lado—
 Contente dizia assim :

«—Eis o nosso bom amigo
 «—O nosso bom protector!
 «—Tantos bens que nos ha feito ,
 «—Tantos lhe faça o Senhor!»

E ao dizer isto —sorrindo—
 Olhou p'ra mim e corou ,
 E um gemido de tristeza
 Deutro em minh'alma ecoou!

E eu disse á bellaromeira:
 Rosita—acaso és feliz? . . .
 «—Oh! muito —meu bom amigo—
 «—Muito ditosa!—» ella diz.

E com paixão, com delirio,
 No noivo os olhos fitou,
 E a mão tomou-lhe entre as suas,
 E com affecto a apertou!

E eu vi que era bem ditosa
 A sorte desse aldeão,
 E outro gemido d'inveja
 Me partiu do coração!..

E ao som d'alegres cantares,
 Rolava incessante a dansa..
 Éra um delirio completo
 De prazêr e de folgança!..

E eu disse adeus a Rosita,
 Fingindo um ar jovial;
 Mas bem triste e pensativo
 Me retirei do arraial!..

Acabando de escrevêr isto na minha carteira de viagem enfureci-me por tal módo contra mim mesmo —por aquelle meu acto de fraquêsa— que atirei com a pobre carteira, ao meio da casa, e lancei sobre a miqha propria pessoa uma trovoada de invectivas, capaz de fazer tremêr um exercito..

Depois deste desabafo tempestuoso, achei-me melhor. muito melhor.

Mais algumas reflexões judiciosas, feitas a proposito e com toda a calma, durante a noite, acabaram de me restabelecêr de todo, e tornar tão forte contra as fragilidades humanas, que jurei ser sempre d'ahi em diante superior a ellas.

Até que ponto seria valioso este juramento?

Por óra não posso responder.

O que sei é que —effectivamente— a convivencia e intimidade, que desde então se estabelecêram entre mim e os dois jovens aldeões me familiarisaram por tal modo com os afagos mutuos, que elles a todos os momentos se prodigalisavam, que me habituaram a olhar para Rosita como para uma fillia, e a presenciar a felicidade do joven Francisco sem o menor ciume ou inveja. . .

Bem depressa, porém, um acontecimento imprevisto se encarrêgou de me mostrar o pouco valôr d'aquelle meu juramento, e ao mesmo tempo de me provar que esta conformidade apparente em que eu me achava, não éra mais do que um adormecimento da paixão, resultado da parte que sempre —mais ou menos— me cabia nos afagos e carinhos de Rosita.

O acontecimento a que me refiro fôram noticias que recebi do Maranhão —de um character tão importante para mim— que me obrigaram a seguir immediatamente para o Brasil.

Ao deixar a vida placida e tranquilla d'aldeia —com o coração partido pela dôr e pela saudade— foi que eu pude conhecêr bem até que ponto se tinha desenvolvido no fundo da minh'alma um sentimento que eu debalde havia procurado sempre reprimir e suffocar.

Não tentarei descrevêr a dôr que me dilacerava o coração ao partir do logar do meu nascimento, porque isso me seria absolutamente impossivel.

Milhares de palavras escolhidas, e artisticamente enfileiradas, seriam insufficientes para exprimir uma só —uma

única— que eu proferi ao deixar o que tenho de mais claro no mundo.

Essa palavra foi um simples —adeus ;— mas um adeus , que expressava mais do que tudo quanto eu pudesse dizer e escrever.

Ao pronunciá-lo , vibraram-me todas as fibras d'alma, estalou-me o coração de dôr, e eu não pude verter uma lagrima.

Tanto peor !.

.... ..

Mais tarde, quando o pranto rebentou abundante e espontaneo, foi que eu pude coordenar minhas ideias, e escrever os versos que se seguem, com que põho remate a esta singela narração :

DESPEDIDA.

(A Rosita.)

Ai, vejo agora quam profundo que éra
O sentimento que eu por ti nutria !
Julguei minha paixão vér quasi extincta ;
Mas o fogo na cinza occulto ardia !

Em quanto pude ouvir tua voz angélica ,
Sentar-me ao lado teu —vér-te e fallar-te ,

Jamais supuz que amor tão vivo e forte
 Por ti sentisse á hora de deixar-te.

Abafada ficou; mas nunca extinta
 A chamma que abrazou meu coração!
 Soprou-lhe rijo o vento da saudade;—
 Ergueu-se a crepitar como um volcão!

Agora . . . agora vejo até que ponto
 Era grande — era immenso o meu amor!
 Ao justo posso agora aquilatar-o
 Pelo fundo-sangrar da minha dôr!

Vou partir — anjo meu — . . . Além dos mares
 Outra vez de saudades vou finar-me! . . .
 Tu—quem sabe?—Taivez prompto me olvides:
 Mas eu jamais de ti posso olvidar-me!

Quer eu volte bem cedo ao lar paterno
 Quer ausente de ti môrra de dôr .
 Tu —Rosita— serás o eterno idolo
 Da minha adoração—do meu amor!

FIM.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).